UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Guardião do Maracatu Leão Coroado: Uma coisa de deixa

Luciano Borges de Souza

Recife, 2012

Luciano Borges de Souza

Guardião do Maracatu Leão Coroado: Uma coisa de deixa

Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Antropologia. Tem a orientação da Profª. Drª. Maria Aparecida Lopes Nogueira.

Recife, 2012

Luciano Borges de Souza

Guardião do Maracatu Leão Coroado: Uma coisa de deixa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em 16/02/2012.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Maria Aparecida Lopes Nogueira (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE

_____

Prof. Dr. Antonio Carlos Motta de Lima (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPE

_____

Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho (Examinador Titular Externo)
Departamento de Antropologia – PUC- SP

Recife, 2012

Dedico a Dona Ana Borges, minha mãe.

DOS AGRADECIMENTOS

"Seja grato a tudo meu filho", sempre me disse a minha mãe... Em sua sabedoria tão magnificamente construída durante a vida e tão serena e necessária, para mim, ao menos. Considero a gratidão uma das grandes virtudes de uma pessoa, e na medida do possível, procuro lembrar o conselho de minha mãe e acima de tudo tento fazer vibrar esse conselho nas minhas relações íntimas e nas de cunho mais público, como no trabalho, por exemplo.

O texto aqui urdido é uma trama, composto de várias pessoas fundamentais e indispensáveis na realização do meu sonho, do meu sonho em realizar o mestrado. Muitos encontros foram e na atualidade são vitais para a minha trajetória acadêmica e pessoal; espero conseguir contemplar nessas linhas todos que de alguma maneira me ajudaram nessa empreitada, espero contemplar as pessoas que me apóiam e me amam, mesmo que, em alguns momentos, essas pessoas não apareçam com seus nomes explícitos. Trazer alguns nomes à tona, me traria dor. Também tenho os meus segredos e os guardo muito bem.

As pessoas em que me agasalho, e que hoje são responsáveis pela escrita dessa dissertação, incluem professores, amigos, poetas, músicos, familiares, pesquisadores das mais distintas áreas, o cinema, a pintura, a arquitetura, as viagens, tudo isso efetivamente junto, em densidade absoluta, me ajudou a realizar a empreitada que é concluir um mestrado em apenas dois anos. Para tornar mais inteligível, começo pelo começo. Começo a agradecer o início de tudo, a força de tudo: Deus. Agradeço a Deus a oportunidade de estudar, de ter saúde e sabedoria para realizar a minha jornada acadêmica com ética e acima de tudo com respeito a todos que cruzaram e cruzam o meu caminho. Agradeço a Virgem Maria pela proteção permanente, especialmente no tocante aos desejos ainda não realizados. Sei que quando algo me é negado, é Nossa Senhora me protegendo do mal. Agradeço a toda encantaria que me guia, aos Orixás que vibram em mim e me inventam permanentemente. Agradeço a Dona Oxum pela generosidade de me escolher como filho e habitar a minha cabeça.

Desejo expressar a minha gratidão aos colegas da época da graduação, com destaque para Nilton Júnior, hoje já formado, assim como eu, em História. Lembro das

conversas em sala de aula, nas cervejas tomadas, nas delícias compartilhadas. Júnior meu amigo, valeu demais! Agradeço também às professoras Eva Macário e Glória Medeiros por todo o apoio na orientação dos meus dois PIBIC's. Como lembrança da época em que estudava na FUNESO, pontuo o meu estágio na Casa do Carnaval, onde tive a alegria de realizar ótimos trabalhos e conhecer grandes profissionais. Eduardo Pinheiro, Mário Ribeiro, Leilane Nascimento, Paulinho, Clésia, Heraldo, Claudemir, Alzenide Simões, Conceição Fragôso, Anazuleide e Carmem Lélis, diretora da Casa do Carnaval na época, formaram por cerca de dois anos, uma base que me sustenta em parte, até hoje. Aprendi muito com as pessoas citadas, inclusive a lidar com as diferenças, visto que, a equipe era formada dos campos de pensamento os mais diversos. Destaco também, dessa mesma fase, o meu encontro com Thiago Pereira, com quem tive a alegria de lançar o meu primeiro livro e simultaneamente vivenciar a realização de um grande sonho. Thiago é um parceiro que vou carregar para sempre no coração.

Expresso meu agradecimento a Márcio Lima, amigo que ganhei em 2009, ano em que cursava a especialização em Docência no Ensino Superior. Grande intelectual e professor de Inglês, Márcio é uma figura rara, dono de uma perspicácia que só os sábios têm. Deus foi muito generoso, colocando-o em minha vida. Antes de homenagear os meus amores do mestrado, desejo agradecer a minha mãe, Ana Borges por todo o apoio e amor incondicional. Só tenho três certezas na vida: da existência de Deus, da morte e do amor de minha mãe. Serei eternamente grato a Deus, por tê-la saudável, linda e feliz com a minha realização educacional e profissional. Mainha esse mestrado é nosso! Nem imagino em realizá-lo sem a sua vigilância e doçura permanentes. Aproveito para pedir as desculpas pela falta de paciência nos momentos de cansaço e aflição para terminar esse trabalho e mais uma vez, reitero o meu sincero agradecimento. Declaro igualmente o meu amor, ao meu irmão único, Lucio Borges. Meu irmão, mesmo sendo diferente de mim em vários aspectos, sempre me proporcionou uma vivência apaixonante, vibrante e verdadeira. Aliás, verdade é o maior patrimônio que meu pai e minha mãe deixaram. Lucio e eu seguimos com essa espinha pela vida, espinha da qual, me orgulho muito. A você meu irmão, o meu afeto mais nobre e o meu apoio. Divido com você essa conquista.

Aos alunos do mestrado de 2010, minha turma amada, agradeço a todos e todas, que de alguma maneira, mesmo com um olhar mais fraterno, me ajudaram a caminhar.

Graças a Deus que não tivemos nenhum problema sério durante os meses de convivência em meio aos créditos pagos, participação em congressos, debates de idéias. Tudo foi realizado com muito respeito e acima de tudo respeito pela escolha epistemológica do outro o que muitas vezes não é presenciado dentro da vida acadêmica. Fato que lamento muito. Todos têm e devem ter espaço. A minha turma de mestrado foi muito especial, preciosa. Porém, aqui destaco algumas pessoas que de forma inexplicável, que talvez por isso sejam tão importantes na minha vida, toquem com mais profundidade as fibras do meu coração.

Agradeço com toda a minha força, alegria e emoção a Virgínia Areias, minha Nega, minha Ginoca! Para você, todo o meu bem, todo o meu amor! Desde o primeiro dia, em que troquei a primeira palavra, você invadiu o meu coração, sem pedir nenhum consentimento e o melhor é que amei. Foi o maior encontro que tive em todo o mestrado, pois Virgínia me trouxe de volta uma alegria perdida, uma beleza escondida, uma beleza antiga. Uma nobreza e sofisticação que eu não tenho, ou melhor, tenho, mas distinta desta que Virgínia possui e que tanto admiro. Agradeço enormemente a Eutália Areias, por ter tido a generosidade de gerar e de brindar o mundo com uma criatura tão iluminada, tão boa, tão franca. Ginoca sou seu! Feliz de Léo que desfruta da sua intimidade e amor permanentes.

Sou extremamente grato a Eduardo Araripe, meu grande parceiro de ideias, de estudo e de obstinação. O nome Eduardo, significa guardião, nada mais apropriado, pois é exatamente isso que o mesmo faz: cuida das pessoas que o cercam, envolvendo e embalando amizades, família, amor e fé com a canção da esperança e da gentileza permanentes. A você Eduardo, expresso o meu afeto e agradeço por ter aberto a sua casa e me possibilitar conviver com Dudinha, Carol (Linda!) e Sara, pela qual tenho um amor incondicional. Muito obrigado meu querido!

Outra pessoa caríssima hoje na minha vida é Marjones Pinheiro. Fico pensando que, se tivesse cursado o mestrado antes ou depois de 2010, não teria um dos maiores encontros da minha vida: o encontro com o olhar enigmático e misterioso de Marjones. Não teria encontrado um apoio para conversas tão maravilhosas e profundas, sem serem pesadas, intelectualóides e vazias. Com Jhones, eu chego à vida vivida, no que corta a carne nem anestésico, e ainda assim, saio melhor. Agradeço a toda a encantaria por ter você hoje no repertório da minha existência, agradeço a companhia nas taças de vinhos

saboreadas, agradeço a sua influência no que me configura. Conte comigo sempre. Para o que desejar.

Thácio Santos meu parceiro! Quantas conversas, quantos desabafos sobre as nossas escolhas acadêmicas, nossos caminhos e incertezas. Agradeço por orientar a minha cabeça nos momentos de loucura e por acreditar sempre que a vida acadêmica pode e deve ser de outra maneira. Por alimentar o meu sonho de um fazer científico mais próximo do vivido, do real. Agradeço também a João Villacorta, psicólogo como Thácio e meu psicanalista favorito. Obrigado João, pelo apoio e por tentar, na medida do possível, desentortar a minha cabeça. Lilia, minha flor de São Paulo! Para você o meu afeto e amizade eterna.

Aos professores quero agradecer a Tânia Kaufmman, que desde a seleção e a qualificação, sempre dispensou a mim, uma enorme sensibilidade e educação. Agradeço ao Professor Antônio Motta, por me permitir desfrutar da sua companhia e compartilhar de alguma forma do seu humor tão refinado e inteligente.

Para a minha orientadora, Cida Nogueira, deixo registrado o meu amor infinito e gratidão. Cida e eu compartilhamos a mesma falange mística: somos filhos de Oxum, por isso somos generosos e amorosos e ao mesmo tempo impiedosos com quem nos é infiel. Cida, esse trabalho nunca seria possível sem você. Você sabe disso! Jarbas meu árabe sertanejo! Agradeço todo o apoio e a acolhida em sua casa. As conversas, os sorrisos e a sincera recepção das minhas dores e desapontamentos na minha caminhada acadêmica.

Edgard de Assis Carvalho, meu Bem! Serei para a eternidade grato por você compor a minha banca de avaliação, pela disposição em querer compartilhar comigo desse momento e da cristalização do meu sonho. Ter você em minha vida, com o seu modo de enxergar o mundo, efetivamente me torna uma pessoa melhor. Sou feliz demais por ter um intelectual do seu quilate próximo a mim.

Finalizo pontuando a minha gratidão ao pessoal da secretaria do PPGA, ao pessoal dos serviços gerais, que tanto zelam pelo ambiente das aulas, a Flávio, ascensorista atencioso e educado. Agradeço a CAPES, por financiar esse trabalho.

RESUMO

O trabalho aqui delineado tem como fulcro uma longa jornada acadêmica, por ser o mesmo um painel de duas iniciações científicas e alguns artigos publicados sobre o Maracatu Leão Coroado. Baseados plenamente na oralidade e na sucessão de lideranças ininterruptas ao longo de seus 148 anos de existência, o tema central do presente texto repousa em compreender os conhecimentos, os saberes e fazeres do atual guardião do referido maracatu-nação. Busca ainda entender de que maneira o segredo que é velado pelo atual guardião do Leão orienta o repertório técnico para realizar as alfaias, o jogo de búzios, a narração da história desse maracatu, no cantar o repertório centenário, escolher os figurinos para os desfiles e preparação de banhos para os mais variados fins, pois todo guardião de maracatu-nação tradicional é um *babalorixá*.

Palavras-chave: Segredo, Sucessão, Saberes e Fazeres Tradicionais.

ABSTRACT

The analysis presented here has as its core a long academic journey, since it is a panel of two initiations and some scientific articles published about the Maracatu Leão Coroado. Fully based on orality and uninterrupted leadership succession throughout its 148 years of existence, the central theme of this text lies in understanding the skills, knowledge and actions of the current guardian of such Maracatu-nation. The analysis also seeks to understand how the secret kept by the current guardian of the Lion directs the technical repertoire to make alfaias (a large wooden rope-tuned drum), the cowrie game, the storytelling of the history of this Maracatu by singing the centenary repertoire, the choice of costumes for parades and the preparation of baths for various purposes, because every traditional maracatu-nation guardian is a babalorixá.

Keywords: Secret, Succession, Traditional Doing and Knowledge

POEMA DE ABERTURA

Tempo

Imperador de todas as coisas

Tudo vive sob a tua custódia

Atravessas todos, inclusive todos os tempos

Cegas os olhos de Medusa

Retornas a visão de Édipo

Diminui dores, apazigua sofrimentos, pois traz em ti o antídoto para diluir acontecimentos, felicidades e infortúnios

És senhor, És senhora!

Por conta disso tem a autoridade de mando e desmando; de correnteza insólita, de medição exata impossível, és um dos ditadores mais lindos e cruéis

Pois traz nas tuas asas ligeiras de Exu, a mensagem de vida e o seu contraponto mais feroz: a morte.

Luciano Borges

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 Entrevista de campo na sede do Leão Coroado.....20

Imagem 2 Marteladas e sopros imprescindíveis para a feitura da obra.....23

Imagem 3 Mestre Afonso exercendo uma de suas funções como guardião: cantar todas as músicas do repertório centenário do Leão.....24

Imagem 4 Dona Janete, atual Dama do Paço do Leão Coroado. A escolha do tecido, a cor e o modelo são frutos do trabalho de Mestre Afonso. Tudo passa pelo seu crivo e exigência.....25

Imagem 5 Trabalho de bordado para compor a corte do Maracatu Leão Coroado.....35

Imagem 6 Mestre Afonso, vestida de rainha está Morgana e ao fundo de camisa azul, visualizamos Gil, primeira pessoa do Leão Coroado com quem troquei as primeiras palavras.....36

Imagem 7 Mestre Afonso tocando alfaia.....37

Imagem 8 Moises ou A criação do mundo.....40

Imagem 9 Rua Leão Coroado.....48

Imagem 10 Igreja de São Gonçalo, local frequentado por Luiz de França.....49

Imagem 11 Imagem da Rua Leão Coroado na atualidade.....50

Imagem 12 Dona Hercília Irineu da Silva. 92 anos. Mora desde 1972 no sobrado 105 da Rua Leão Coroado e assegura que foi nesse endereço que o Maracatu Leão Coroado teve sua sede.....51

Imagem 13 Fachada da futura sede do Leão. Um sonho acalentado há 148 anos.....52

Imagem 14 Cauã, futuro guardião? 61

Imagem 15 Sede do Leão Coroado. De Camisa vermelha, Afonsinho e no colo de mestre Afonso, Cauã.....62

Imagem 16 Afonsinho, em segundo plano. Possível sucessor do Leão Coroado?.....63

Imagem 17 Josinaldo, conhecido como Preto por todos da família Leão Coroado.....65

Imagem 18 Calunga Dona Clara.....67

Imagem 19 Calunga Dona Isabel.....68

Imagem 20 Mestre Afonso exercendo o seu trabalho de narrador. Ao lado, a calunga Isabel, ponto maior do maracatu-nação, motivo de todo o segredo guardado e velado.77

Imagem 21 Demonstração do segredo da técnica da construção de uma alfaia.....80

Imagem 22 Produção de uma alfaia.....81

Imagem 23 Alfaias arrumadas para a apresentação.....84

Imagem 24 Mestre Afonso liderando o Leão Coroado, na Noite dos Tambores Silenciosos de Olinda.....86

Imagem 25 Jaqueira situada em frente ao terreiro de Mestre Afonso.....88

Imagem 26 Ladeira de acesso ao terreiro de Mestre Afonso.....89

Imagem 27 *Ilús* em homenagem aos orixás Xangô, de vermelho e branco e ao orixá Obaluaê, de vermelho e preto.....90

Imagem 28 Ilú em homenagem à Dona Oxum e uma lembrança da mãe de Mestre Afonso, Maria Helena Gomes de Aguiar.....90

Imagem 29 Terreiro de Mãe Amara. Homenagem clara ao pai Oxalá.....91

Imagem 30 Fachada do Terreiro de Mestre Afonso.....92

Imagem 31 Os búzios e o prato branco, usados para forjar o diálogo com os orixás....94

Imagem 32 Mestre Afonso e o seu jogo de búzios.....96

SUMÁRIO

DA APRESENTAÇÃO.....15

CAPÍTULO I - Do Encontro.....20

CAPÍTULO II - Das Origens e da sucessão do guardião do Maracatu Leão Coroado.....40

CAPÍTULO III – Do segredo guardado, dos saberes e fazeres do guardião do Leão Coroado.....67

DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....99

DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....102

Da apresentação.

Guardião. Palavra misteriosa suscita uma ideia de penumbra, algo de nebuloso, no sentido mais esotérico da sua morfologia. Quantos de nós, desde crianças não guardamos segredos, confissões de amigos, as nossas próprias, segredos que não são contados e revelados a ninguém. No geral, ou para usar uma palavra corriqueira no meio acadêmico – no senso comum- o significado da palavra guardar está associado às idéias e práticas descritas acima; normalmente não paramos para refletir sobre a importância do guardar para a espécie humana.

Como ainda não existe uma construção antropológica do conceito de guardar e de guardião definidas[1], recorro ao linguista Sérgio Ximenes (2001)[2], para me auxiliar no entendimento dos significados para as palavras guias do meu trabalho. Guardar significa vigiar para proteger, defender; por em lugar apropriado; manter, conservar; zelar, por; não revelar (o que descobriu, ouviu em confiança)[3]; continuar a ter;[4] cumprir, observar; memorizar; prevenir-se; ainda na busca de um significado para guardião, tenho apreço pela definição de Peace (1992), que associava a ideia de guardião ao indivíduo que realiza um artesanato de conhecimentos. Nessa perspectiva, guardião significa superior em alguns conventos ou instituições; goleiro do futebol; esta última definição materializa bem a ideia de guardião: a do indivíduo que protege os interesses do grande grupo, guarda em si a tarefa de manter o grupo mais unido e mais coeso. No caso do guardião do Maracatu Leão Coroado, cabe na atualidade, guardar com a própria vida, o segredo recebido pelo antecessor, Mestre Luiz de França. Na minha definição, o guardião da tradição se configura num indivíduo especial, talhado para ocupar um determinado posto e acima de tudo, no contexto do Maracatu Leão Coroado, guardião personifica o armazenamento e a acumulação de um saber pulsante, com vida, dinâmico. O segredo velado, o fulcro maior do Leão Coroado, ancora-se justamente no

[1] Talvez essa reflexão seja o ponto de partida dessa construção.

[2] Sic. Na palestra de abertura do curso de graduação em História no ano de 2004.

[3] No caso do guardião do maracatu Leão Coroado, é preciso contar o segredo para assim preparar o sucessor.

[4] Lembro de Mauss com a sua ideia da pressão da dádiva, que faz com a mesma circule no grupo e mantenha a reciprocidade presente.

cuidado e na passagem do segredo de um líder para outro. Essa passagem atualiza e revigora a própria importância do guardião para a manifestação da tradição, atualiza também a figura do guardião no tempo, pois Mestre Luiz e Mestre Afonso, apesar de velarem pelo mesmo segredo, são efetivamente outros e, portanto, zelam do mesmo segredo de forma diferente.

Voltando a questão da importância de guardar, ressalto que guardamos muitas coisas na nossa aventura de passagem aqui na Terra; esquecemos também, pois guardar, memorizar e esquecer são contrapontos necessários para que o cérebro continue a trabalhar e ordenar as nossas ações; não temos aparato cerebral para guardar tudo, assim vamos selecionando, escolhendo, destilando toda a reserva cognitiva como os melhores whiskys. Assim, ficamos com as memórias e lembranças que de fato são importantes para a nossa existência.

O esquecimento, nesse sentido, além de importante organicamente; pois é preciso abrir espaço para que novas lembranças e memórias sejam substituídas, viabilizando, ressignificando e revigorando a própria vida. Depois de um trauma, por exemplo, o esquecimento é um recurso cerebral, uma estratégia para permitir que a vida continue com um mínimo de normalidade possível. Deste modo, esquecemos ou tentamos esquecer fatos desagradáveis, eventos indesejados, acidentes imprevistos como meio de sobrevivência, modo fugidio que o humano elege para continuar vivo. Ideia que encontra apoio em Stern (2006, p. 68), quando o mesmo alerta que "a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O que é desagradável é descartado e alterado".

Na fala de W. Stern fica evidente que o guardar é importante, pois perpetua, mantém a nossa própria unidade, a nossa cultura, visto que , muitas das tradições que nos chegam, são por meio de algumas práticas. Práticas realizadas por indivíduos especiais, escolhidos, talhados como num trabalho de marchetaria, para usar uma metáfora da arte; pois não é para qualquer indivíduo que é deixado a missão de guardar determinados segredos.

Há segredos que são públicos, mas que também são guardados, normalmente segredos referentes ao grupo mais amplo, a uma espécie viva. O próprio DNA da espécie humana guarda em seu conjunto de trincas o nosso código enquanto espécie viva; porém não cabe a um único indivíduo guardar esse segredo; a nossa própria

espécie como uma teia, por meio de seu desenvolvimento, modificações e descendências encarregam-se de manter os nossos segredos, muitos ainda por virem a ser decifrados. Os laboratórios de genéticas são templos, onde os cientistas que ali trabalham exercem o papel de guardiões, zeladores, por mais que algumas vezes, não tenham a plena consciência disso.

Trago como paralelo para o exemplo citado acima, outro modelo de guardar, outro guardião; este de uma manifestação cultural: o maracatu-nação. Neste caso específico, o guardião do brinquedo[5] sabe com mais clareza que o seu ofício tem papel fundamental e imprescindível na manutenção do grupo que integra; é por meio das especificidades do trabalho do Escolhido[6] que a agremiação que o mesmo lidera prossegue, renova-se, mantêm-se.

A renovação dentro do maracatu-nação ocorrida com a passagem de liderança, além de possibilitar a manutenção da tradição, também atualiza no tempo e no espaço o próprio Maracatu Leão Coroado, que hoje sob a batuta de Mestre Afonso, vive uma realidade muito distinta da época de seu antecessor. Afonso Gomes de Aguiar Filho, atual guardião do Leão, tem formação em administração, é casado há trinta e nove anos com Janete Aguiar, é pai de três filhas e torcedor do Sport Clube do Recife. Afonsinho, seu neto, e possível sucessor da missão de zelar o segredo, é considerado como filho por Mestre Afonso.

A vida de Afonso, inclusive no plano profissional, o insere em outro meio de convívio, muito diferente dos de Luiz de França, que era caixeiro viajante, estivador e frequentador assíduo da vida boêmia recifense dos anos de ouro da região portuária do Recife Antigo. E segundo contam seus biógrafos, namorador e grande conquistador das mulheres que ocupavam os postos de rainha do Leão. Mestre Afonso, tem uma personalidade diferente, é mais calmo e sereno; avesso às festas e carnaval. Confesso que talvez seja esse o traço da sua personalidade que mais me agrade, pois na contemporaneidade, onde não temos tempo nem tranqüilidade para ouvir e falar,

[5] Grande parte dos integrantes de manifestações culturais (adultos e crianças) refere-se a "brincar" enquanto participar de uma manifestação cultural, seja dançando, encenando, cantando ou tocando algum instrumento. E falam da "brincadeira" ou do "brinquedo" para se referirem ao grupo do qual participam.

[6] O guardião é também chamado neste trabalho de escolhido. Pois de fato, quem escolhe o sucessor dentro do Leão Coroado, são os Orixás.

encontrar o guardião é um refúgio, onde me abrigo não por medo ou imposição, mas por uma feliz e acertada escolha. A partir disso, acredito que o guardar precisa e deve ser relativizado frente aos diversos repertórios de saberes, devendo talvez a antropologia obrigação de fazer; pois o que é vivenciado diariamente, especialmente nas grandes mídias, são os guardiões dos grandes laboratórios, das grandes instituições de conhecimento, os descobridores de doenças e de suas curas; não que seja pouco importante esse trabalho, porém seguindo uma linha relativizadora, é necessário urgentemente referendar outras formas de guardar, outros guardiões, outros segredos, outras maneiras de acumular e repassar conhecimento e técnica.

Dessa forma, para a minha empreitada aqui forjada, tento ampliar o paradigma cartesiano, que desde o advento do Iluminismo tenta impor uma única ordem, uma única visão e que aposta incessantemente dividir natureza e cultura, emoção e razão, pensamento matemático e pensamento sensual; assim, invisto no paradigma da complexidade[7], idealizado por Edgar Morin para apoiar a minha reflexão aqui desenvolvida. Assim, vou abordar o ofício e as especificidades, ou ao menos algumas especificidades do guardião do Maracatu Leão Coroado, Mestre Afonso Aguiar, buscando trazer à lume as filigranas do seu trabalho diário, ou ao menos a tentativa de entender o repertório de vida e de saber/fazer do guardião, que informo de antemão, são densos demais para serem contemplados pelo tempo de pesquisa de um mestrado. Mesmo assim, tentei captar e entender os testemunhos, sempre em busca do sumo, do não dado, do não lido textualmente e confesso que trabalhar nesse limite e buscando constantemente a não fragmentação, se revelou para mim, um desafio incomensurável.

Para situar o leitor, informo que dividi o trabalho em três movimentos básicos: o primeiro movimento é composto do capítulo I, que denomino Do encontro. Nesse capítulo, busco entender o encontro como grande deflagrador de experiências significativas e modificadoras. Procuro forjar um diálogo com vários registros da cultura, incluindo aí a escultura e a literatura, como guias para ampliar o meu poder de análise e compreensão; procuro identificar que determinados encontros, podem nos levar a pensar a vida e todas as suas manifestações de uma forma distinta acima de tudo, certos encontros podem criar ressonâncias inimagináveis e que em alguns casos, podem

[7] Em linhas gerais, o paradigma da complexidade tenta unir, tenta suturar o que aparentemente está separado. Edgar Morin, com a sua proposta metodológica contribui no fazer antropológico, pois pensa o homem em sua totalidade, em sua forma mais inteira; como assim já tinha pensado, Mauss, Lévi- Strauss por exemplo.

gerar grandes parcerias: caso do meu encontro com o guardião do Maracatu Leão Coroado.

No segundo movimento, ou capítulo II, procurei compreender a narrativa ou as narrativas acerca da fundação do Maracatu Leão Coroado, a liderança e o recebimento do referido maracatu-nação para as mãos de Luiz de França e a passagem de Seu Luiz para o atual guardião, Mestre Afonso Aguiar. A trajetória do Leão Coroado, especialmente no que se refere ao recebimento do segredo do Leão, por via direta, ou seja, Seu Luiz/Afonso Aguiar é encarada por alguns intelectuais com outros olhos, ou melhor, com outras versões. Há alguns pensadores da cultura pernambucana que não acatam o testemunho do próprio Mestre Afonso no tocante a legitimidade do seu atual posto dentro do Leão Coroado. A partir dessas contradições, me encaminho na tentativa de descortinar o véu que subjaz os testemunhos sobre a questão levantada, não me eximindo em assumir que acredito e defendo ideia de guardião que Mestre Afonso ocupa, assim como, acredito na legitimidade de sua função e acima de tudo, percebo nele, um homem especial e vocacionado para a vida que engendra.

No capítulo III, denominado Do segredo guardado, dos saberes e fazeres do guardião do Leão Coroado, seguí na busca de entender as sutilezas e especificidades de todas as atribuições de um guardião da tradição em maracatu-nação, apesar de me deter com mais profundidade no jogo de búzios e na confecção das alfaias. Procurei ainda, identificar de que maneira a parcela religiosa dentro do Leão Coroado e a própria condição de *babalorixá* do guardião, guiam simultaneamente o trajeto lógico-mágico-racional de sua vida, de seus afazeres cotidianos, do segredo velado.

Para finalizar, informo ainda, que tentei escrever os capítulos de maneira a não criar uma interdependência extrema. Na medida do possível, os capítulos em si mesmos, se bastam, mesmo tendo ciência que a escrita nesse sentido torna-se mais difícil e por que não dizer, mais desafiadora.

CAPÍTULO I

Do encontro.

> "Um trabalho desse não vai para frente se os Orixás não quiserem."

(Afonso Aguiar, 2006).

Imagem 1 Entrevista de campo na sede do Leão Coroado.
Fonte: Rosana Rodrigues. Olinda, 2011.

Com essas palavras tive o primeiro momento vivido junto a Afonso Aguiar, conhecido no meio da cultura popular recifense e pelo mundo afora, como Mestre Afonso. O ano era 2006, o objetivo da visita era a realização do meu projeto PIBIC, que

tinha como intenção maior, reconstruir a história e as origens do Maracatu Leão Coroado. A partir dos contatos iniciais com esse projeto de iniciação científica[8], descortinou-se em meus olhos um encontro que perduraria e reescreveria a minha história de vida, o meu trajeto antropológico.

O que é delineado neste texto, é fruto de um desdobramento da minha inserção no campo de pesquisa em cultura popular, com destaque para o universo do maracatu-nação. Quando em 2006, concluí o primeiro PIBIC, ainda não conhecia o paradigma da complexidade e sua abordagem, que considero de vanguarda e talvez por isso, de tão difícil compreensão e utilização. Quem sabe por isso, por não ser compreendida por alguns antropólogos, a abordagem da complexidade sofra tantas críticas, sobretudo dos que acusam a referida metodologia de desejar implodir as disciplinas, por apostar no diálogo efetivo de saberes, práticas e experiências.

Pensando nisso, percebo que mesmo antes de ter contato com Morin, em especial, já escrevia pensando de forma complexa, pois, mesmo tendo alguns desconfortos com a minha orientadora da época da graduação, nunca permiti a redução dos meus textos apenas ao universo da história (curso de minha graduação), pois percebia que apenas um repertório de saber não dava conta do grupo que tinha escolhido em 2006 e que acompanho até o presente momento: O Maracatu Leão Coroado. E em especial, a sua liderança atual: Afonso Aguiar.

Mestre Afonso, como é conhecido por todos da cultura da tradição e no meio social e político mais amplo, desde o primeiro encontro me impressionou por sua vivacidade, sagacidade e poder crítico da situação vigente. Logo no início das nossas conversas, que ressalto nunca se restringiram apenas à coleta de informações e dados para cumprir a pesquisa, mas que acima de tudo sempre foi mesclada por uma gama enorme de assuntos, sempre teve a marca da diversidade como tônica maior, compreendi, quase como um chamado dos orixás, que nos próximos trabalhos acadêmicos, eu teria como obrigação, até mesmo com toda a ancestralidade africana, - do qual todos somos filhos -, de registrar um pouco da vida magnífica e da sabedoria

[8] Em 2006, quando cursava cerca da metade da graduação em História, Rodrigo, um colega de faculdade, me ofereceu o projeto sobre a origem e a história do Maracatu Leão Coroado. O mesmo tinha desistido de trabalhar com cultura popular e não queria guardar a idéia e o projeto que já estava praticamente pronto. Desse modo, sinto que fui escolhido para realizar a pesquisa, pois realizá-la na época, como realizar o segundo PIBIC e na atualidade a presente dissertação se configuram num grande desafio.

acumulada por Afonso durante o seu trajeto antropológico-histórico-sociológico-político-cultural.

Para tal empreitada, não poderia me valer de um método reducionista, por isso a escolha da complexidade, por me possibilitar cingir a realidade registrada com um maior número de braços. Para pensar a imensa confluência de rios que os encontros de forma geral proporcionam, para pensar as técnicas imanentes ao trabalho do atual guardião do Maracatu Leão, para entender o segredo guardado, elegi o método deflagrado por Edgar Morin:

> O método aqui se opõe à conceitualização dita "metodológica" em que ela é reduzida a receitas técnicas. Como o método cartesiano, ele deve inspirar-se de um princípio fundamental ou paradigma. Mas a diferença é justamente o paradigma. Não se trata mais de obedecer a um princípio de ordem (eliminando a desordem), de claridade (eliminando o obscuro), de distinção (eliminando as aderências, as participações e as comunicações), de disjunção (excluindo o sujeito, a antinomia, a complexidade), ou seja, obedecer a um princípio que liga a ciência à simplificação lógica. Trata-se, ao contrário, de ligar o que estava separado através de um princípio de complexidade.
>
> (Morin: 2008, p. 37).

A partir do exposto por Morin acima, o encontro, que na minha definição se configura numa espera, de chegadas e saídas infinitas e ainda numa possibilidade efetiva de reconhecimento e diferenciamento pelo encontro com esse outro. A partir disso, o conceito de encontro e todos os conceitos aqui trabalhados não são pensados de forma tirânica; a imagem que ressoa da palavra encontro, por exemplo, não é encastelada, nem se encerra em si mesma (Bachelard, 1988), não se aprisiona, ela é viva, manifesta-se, pulsa. Sobretudo essa pulsação, é sentida por mim a cada encontro com Afonso, a cada fala dita, a cada gesto, indicia muita vitalidade, muita fé, muita energia. Não temo em afirmar que a cada encontro que realizo com o guardião, a minha vida, o meu próprio trajeto é imensamente modificado. Afonso Aguiar é do tipo de pessoa que se encontra uma única vez na vida. É um presente dos orixás!

Assim, sigo na busca de tecer o meu trabalho, moldando, tricotando, sendo ensopado pelas águas de possíveis incertezas, fundamentais a qualquer aprendizado, similar aos necessários para tornar-se um escultor de vidros, artistas de Murano, em Veneza na Itália. Um mestre dos vidros. Tal como Mestre Afonso, para ser mestre dos vidros, a pessoa leva aproximadamente 15 anos ininterrupto de trabalho diário. Quando me deparei com essa técnica, de modo imediato lembrei-me do trabalho do guardião,

pois ambos os mestres, o de vidro e o do maracatu-nação têm os seus trabalhos forjados em subsídios similares: a força da oralidade e a força da perpetuação da técnica assegurada pela passagem de um mestre para outro. Recordo que no dia da apresentação do mestre de Murano que pode ser vista na foto abaixo, um menino de cerca de sete anos assistia a tudo fascinado e já dava os primeiros passos no aprendizado.

Imagem 2 Marteladas e sopros imprescindíveis para a feitura da obra.
Fonte: Luciano Borges. Veneza, 2011.

Depois de finalizada a apresentação, fiquei sabendo que o menino era neto do mestre de vidros. Ou seja, o repertório de saber/fazer do avô tem a grande chance de ser mantido pelo seu neto e aprendiz. De maneira similar, tanto no trabalho do guardião como no do mestre de vidros, há uma busca incessante pelo refinamento da técnica, que possibilita a realização dos seus ofícios.

Imagem 3 Mestre Afonso exercendo uma de suas funções como guardião: cantar todas as músicas do repertório centenário do Leão.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Erros e acertos são perfeitamente contemplados nesse caminho de ensino aprendizagem, pois a técnica é perpetuada pela passagem de pai para filho, de avôs para netos, sendo previsto nessa passagem de guardiões, ou seja, na passagem de saberes de um guardião para o outro, além de erros e acertos,- nesse contexto - é previsto também uma atualização desse saber. Tanto no trabalho do mestre de Murano como no do guardião do Maracatu Leão Coroado há uma atualização sempre. Não há anacronismos nesse sentido.

Imagem 4 Dona Janete, atual Dama do Paço do Leão Coroado. A escolha do tecido, a cor e o modelo são frutos do trabalho de Mestre Afonso. Tudo passa pelo seu crivo e exigência.

Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Entendo que a feitura de cada objeto, de cada obra de arte, no caso dos exemplos aqui elencados, independente das alegrias e tristezas que os mestres aqui citados vivenciaram para concretizar as peças componentes tanto das esculturas de vidro como todos os componentes da corte do Leão Coroado, há sempre uma ligação com o sobrenatural. Numa espécie de Babel cultural, onde ao invés de problemas e dramas compartilhados em comum, partilhamos a beleza, o sonho, a poesia e o divino, pois todos os objetos carregam em si uma dimensão sagrada, que nos une ao sobrenatural. (Lévi–Strauss, 2010). Por isso que Mestre Afonso ao idealizar o figurino do maracatu-nação que lidera, pensa em cada detalhe, em cada ponto. Não há nada solto, frouxo.

Principalmente as cores das roupas que os integrantes do Leão irão vestir, atendem a um critério rigorosíssimo, incluindo aí o orixá que vai reger de forma majoritária o ano que chega. O objeto nesse caso vira um suporte para que a celebração religiosa aconteça. Por isso, jamais se verá uma Dama do Paço do Leão Coroado de

outra cor, que não o rosa. O rosa na nação nagô remete ao orixá Iansã, orixá que manda no carnaval e é a senhora da morte. Como a Dama do Paço no cortejo é incumbida de ostentar a calunga[9], o rosa prevalece. Sempre. Ao menos nos maracatus-nação de matriz nagô. Nessa perspectiva, o trabalho do guardião do Leão Coroado é também um trabalho artístico, pois supõe saberes e técnicas imanentes a qualquer ofício, no entanto, a parcela da arte é presente com notoriedade, pois todo o arsenal de elementos que configuram a corte do Leão Coroado além de ter um aspecto utilitarista e prático, também de forma simultânea privilegia a harmonia estética e a beleza que salta aos olhos. Por isso a presença do guardião da tradição é fundamental, pois cabe ao mesmo assegurar que o capital cultural que possui seja mantido, atualizado e no momento adequado, no tempo maduro, seja transmitido ao futuro guardião.

Tendo ainda como linha de força para a minha teia, a citação de Morin, (2008, p.37), compreendo que todo encontro, seja ele qual for, não está descolado do seu contraponto: o desencontro. Segundo Ximenes (2001), desencontro significa um estado ou condição de coisas ou pessoas que não se encontram, ou que seguem direções opostas.

Como o pensamento sempre pensa bem, segundo Lévi-Strauss (1962), trago para o nosso encontro, a literatura e o cinema que são verdadeiros ícones do par encontro/desencontro, arranjo/desarranjo/, ordem/desordem. A literatura e o cinema, nesse sentido, são ótimos recursos para pensar a existência humana e toda a sua complexidade, suas inquietações, dúvidas, sendo um detonador que aflora os sentimentos e conflitos mais profundos, mais secretos, íntimos. Que não contamos a ninguém. Por isso a emoção por certos personagens e situações, por nos vermos, mesmo de forma indireta, nas páginas de um livro ou na narrativa de um filme.

Para este texto especificamente, a arte e suas manifestações me possibilitaram explodir a ideia de encontro e desencontro, potencializaram o meu pensamento e a minha reflexão acerca de um dos momentos mais importantes da minha trajetória acadêmica: o encontro com Afonso Aguiar. E, sobretudo as marcas deixadas pelo momento vivenciado em 2006, ano do primeiro contato e todos os seus desdobramentos consequentes desse encontro inaugural. Efetivamente não sou mais o mesmo até porque

[9] Nos capítulos 2 e 3 explico um pouco a respeito da calunga Dona Isabel, Dona Clara e sobre a cerimônia que o guardião comanda em honra aos ancestrais africanos.

não existe encontro que não deixe marcas. Sobretudo no encontro realizado em meio ao trabalho de campo antropológico, pois a antropologia requer uma mudança de si mesmo[10].

No campo da literatura, que segundo Morin é uma escola de vida, escola do entendimento humano, uma escola da complexidade humana, pois suas narrativas não separam os sujeitos de seus lugares, seus costumes; podemos por meio da literatura adquirir um conhecimento geral acerca do mundo (Morin, 2000). Ressalto ainda que a "ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir os seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá" (Barros, 1997, p. 53). Assim, a literatura é boa para pensar, para comer, sendo talvez esse o motivo dos inúmeros registros de diversos encontros memoráveis, com imagens que realmente nos levam a pensar, e pensar bem. Romeu e Julieta de *Shakespeare*, Diadorim e Riobaldo de Guimarães Rosa, Maria Moura e Cirino de Raquel de Queiroz, Macabéia e a cartomante de Clarice Lispector entre tantos outros. No entanto, como em todos os momentos da vida, necessitamos permanentemente de fazer escolhas, privilegiar e em alguns momentos preterir, recorro ao poeta Manoel de Barros para materializar de alguma forma o par encontro/desencontro:

> Carrego meus primórdios num andor.
>
> Minha voz tem um vício de fontes.
>
> Eu queria avançar para o começo.
>
> Chegar ao criançamento das palavras.
>
> Lá onde elas ainda urinam na perna.
>
> Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
>
> Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
>
> Pegar no estame do som.
>
> Ser a voz de um lagarto desconhecido.
>
> Abrir um descortínio para o arcano.
>
> (Barros: 1997, p. 47).

[10] Sic. Em conferência proferida pelo Dr. Edgard de Assis Carvalho em 2011, intitulada A recuperação do tempo: As Mitológicas de Claude Lévi- Strauss.

Penso que o poema de Manoel de Barros, trata de algumas das nuances do encontro humano, notadamente de pessoas diferentes, de vivências e repertórios de vida muitas vezes diametralmente opostos, além de dar um excelente exemplo de uma minuciosa etnografia. Digo etnografia, pois foi a partir de um trabalho etnográfico que conheci Mestre Afonso e por meio deste indivíduo incrível, pude chegar ao criançamento de mim mesmo, cheguei a pensamentos abissais, pois a cada conversa realizada, toda uma ancestralidade foi trabalhada, revisitada. Trabalhar com a cultura afro-brasileira, no nível de detalhe que eu busquei é remexer gavetas milenares, é remexer em baús que geralmente permanecem fechados.

Sobretudo no meu caso, que trabalho com um segredo guardado, com um silêncio que necessita ser rompido, mas para que ocorra esse rompimento, para que ocorra o desocultamento desse segredo, se faz necessário um ouvido especial, de um indivíduo especial. Nesse sentido, percebo que a temática aqui abordada, dificilmente seria realizada por um pesquisador que não desfrutasse da confiança de Mestre Afonso. E eu não temo em afirmar que desfruto dessa condição, sou de algum modo talhado para estar junto do guardião e de todo o Maracatu Leão Coroado. Afirmo isso, pois entendo que hoje, mesmo sabendo o que encerra o segredo, sei simultaneamente que só um guardião pode saber da totalidade de um segredo do maracatu-nação. Ao pesquisador cabe, na medida do possível, entender esse segredo, sublimando a sua curiosidade em interpretação, em escrita apurada, em arte. Contudo, independente do ramo de atuação de pesquisa, há um desconforto inicial entre quem pesquisa e quem a priori é o pesquisado, ou interlocutor, pois não existe encontro sem tensão, sem um campo de forças subjacente.

No campo da antropologia o par encontro/desencontro e todos os seus desdobramentos na vida são célebres; assim como o estranhamento vivido pelo pesquisador tão bem descrito por *Malinowisk*i, quando do seu trabalho de campo junto aos trobriandeses. Esse estranhamento também foi sentido por mim no instante do encontro com Mestre Afonso, com o Maracatu Leão Coroado e com o bairro de Águas Compridas, que apesar de ficar no município de Olinda, perto de minha residência, era para mim totalmente desconhecido.

Importante ressaltar que o meu receio em realizar uma entrevista com Mestre Afonso, não pode de todo, ser classificado como gratuito e sem fundamento. No período que realizei a pesquisa acerca da história e origem do Leão Coroado, estagiava na Casa do Carnaval[11], importante centro de pesquisa em cultura popular do Recife, e lá, ouvia por algumas vezes, que Mestre Afonso, era uma pessoa de difícil trato e acesso, que era ríspido com os pesquisadores, preconceituoso, inclusive com ranços homofóbicos. A partir disso, o meu imaginário ficou incendiado por essa figura que eu não conhecia pessoalmente, mas que já me causava no mínimo um estranhamento.

Junto a essa situação acima descrita, havia outro complicador para o meu primeiro encontro. Como Rodrigo, meu colega de faculdade, que tinha me repassado o projeto de iniciação científica, já tinha realizado alguns contatos e depois da desistência da pesquisa não tinha dado uma explicação e nem agradecido a atenção recebida pelos integrantes do maracatu, sabia que Mestre Afonso também estava magoado com os pesquisadores de uma forma geral e não estava muito disposto a recomeçar a mesma pesquisa com mais ninguém. Talvez por isso, a recepção com a frase que abre este capítulo.

Inclusive, desde o dia que soube da mágoa do mesmo, devido à falta de atenção de pesquisadores que vão ao maracatu e aos diversos grupos da tradição, realizam seus trabalhos e não retornam para retribuir a contribuição recebida dos atores e atrizes que ajudaram a escrever o texto da dissertação ou tese, tomei para mim a responsabilidade política e, sobretudo ética, de sempre devolver fotos tiradas nos vários momentos já vivenciados, rascunhos para serem lidos sobre a minha abordagem, enfim, de fato procuro viver junto a Mestre Afonso e todos do Leão, um trabalho onde o papel do interlocutor é de fato, levado a sério. Por isso comungo com Mariza Peirano quando a mesma nos diz:

> Há algo de curioso na Antropologia: ao mesmo tempo em que se vangloria de ter uma das tradições mais sólidas entre as ciências socias – na qual reconhecem cronologicamente os mesmos autores "clássicos" quer se esteja no Brasil, nos Estados Unidos, na Índia ou na Inglaterra - , a disciplina abriga estilos bastantes diferenciados, na medida em que fatores como contexto de pesquisa, orientação teórica, momento sócio-histórico e até a personalidade do pesquisador e *ethos* do pesquisado influenciam o resultado obtido.
>
> (Peirano: 1991, p.01).

[11] Centro de pesquisa em Cultura Popular mantido pela Prefeitura do Recife.

Há alguns pontos nesta citação que refletem bem o panorama onde o meu trabalho de pesquisa está imerso. O primeiro deles é no tocante ao contexto onde são desenrolados os meus encontros com o Leão Coroado, ou para ser mais exato, com o seu atual guardião, Mestre Afonso Aguiar. Atualmente, a sede do Maracatu é localizada no bairro de Águas Compridas, zona periférica do município de Olinda. Como a maioria dos bairros periféricos do Brasil e do mundo, Águas Compridas com cerca de 20.441[12] habitantes residentes, enfrenta problemas relacionados à falta de saneamento básico, altos índices de violência, notadamente a violência doméstica, falta de espaço de lazer, falta de espaço para a realização de atividades culturais, enfim, falta de uma infinidade de coisas que se contempladas a contento, configurariam o que a própria constituição brasileira preconiza, quando entende a cultura como direito de todo cidadão e cidadã.

No entanto, intuo que o relevante no que tange à atual sede do Leão, é de uma ordem mais profunda, algo que subjaz ao atual cenário do bairro. O fato do Maracatu Leão Coroado, hoje está lotado num bairro periférico, espelha um pouco a própria condição histórica de todos os grupos da tradição em cultura popular de Pernambuco. Cito como exemplo, a Tribo de Caboclinhos Canindé, liderada por Juracy Simões, sediada na Bomba do Hemetério, zona periférica do Recife, o trabalho incansável do saudoso Mestre Salustiano, da minha Cidade Tabajara, zona periférica de Olinda, enfim, percebo com essa cartografia da exclusão, um fenômeno político, pois todo o colorido das golas do caboclo de lança, os penachos dos índios do Canindé, a estética nobre da corte real do Leão Coroado, que na atualidade enfeitam as bordas das grandes cidades, é fruto de um intenso fluxo histórico que tem o seu início nos anos 30, - tendo rebatimentos no curso migratório até hoje - , quando o Recife, passou por um processo de assepsia do centro urbano chamado de *Belle Époque*, A Bela Época. A esse respeito assinala Antonio Paulo Rezende:

> A cidade adquiriu, nesse período, a forma urbana atual. As políticas modernizadoras não transformaram o cenário urbano no sentido de debelar a crescente miséria. A densidade populacional assustava e desafiava os planejadores, fossem eles tecnicistas ou humanistas, como o engenheiro Antônio Baltar, preocupado também em criar alternativas para superar as gritantes injustiças sociais. Um olhar sobre os bairros revela as dificuldades. O bairro de Casa Amarela chegou a ter 81.746 habitantes, em 1950, passando para 126.474 em 1960. A ocupação dos morros de Casa Amarela começou na década de 40, com as pessoas buscando alternativas de moradia depois da erradicação dos mocambos nas áreas mais centrais do Recife.

[12] Dado retirado do site da Prefeitura Municipal de Olinda. Seção da Secretaria de Planejamento, transporte e meio ambiente. 2011.

(Resende: 2005, p.123,124).

Mesmo tendo como referencial empírico, o Recife e suas adjacências, o estudo de Resende nos propicia pensar qualquer realidade de bairro periférico, além de que, as pessoas que foram expulsas do centro do Recife em nome do progresso urbano, não tiveram chance de escolhas. Nem também se encantaram nem desapareceram. Tiveram de usar a astúcia e a estratégia, nos moldes formulados por *DeCerteou*, para sobreviverem. Ainda tendo como fio condutor o trecho do livro "O Recife, histórias de uma cidade", entendo que essa faxina civilizatória realizada em 1930, teve um alcance para além da capital pernambucana. Resende, por meio de seu livro, analisa um trecho afetado pelas ações da *Belle Époque*, obviamente que o referido autor optou em escolher um recorte para contemplar a sua pesquisa. Não significando que outros bairros, inclusive em outros municípios, como Olinda, por exemplo, não tenha sofrido esse fluxo migratório que constituiu o que hoje conhecemos como o Bairro de Casa Amarela, boa parte da região de morro do norte do Recife e áreas de morros de Olinda, incluindo aí o bairro de Águas Compridas, local atual da sede do Leão Coroado.

Percebe-se assim, nessa minha tentativa de descrever a localidade onde o campo da pesquisa aconteceu, que o encontro, não é apenas com os nossos interlocutores, é mais que isso, um verdadeiro sobrevoo, pois, todos sem exclusão têm uma trajetória, uma história, um percurso próprio, individual e coletivo, de modo que encontrar um único indivíduo, no meu caso, Mestre Afonso, é encontrar uma constelação humana imensurável.

Consonante com esta citação, no documentário "Iroco, a árvore sagrada", produzido pela Prefeitura do Recife no ano de 2005 e dirigido por Clarice Hoffmann, nos deparamos com dois depoimentos emblemáticos, que retratam bem a imagem do que foi ser atingido diretamente pelo trator da *Belle Époque*. Ivo, da Nação Xambá[13], relata de forma emocionada que muito do acervo integrante do candomblé de seus antepassados, foi recolhido no governo de Agamenon Magalhães – especialmente no período de 1935 - e até hoje não se sabe o seu paradeiro. Simplesmente sumiu na poeira do tempo. Dona Betinha, grande Yalorixá, uma das personagens do livro de Lia Menezes (2005), também trata da perseguição sofrida no período citado. Chega a

[13] A nação Xambá é um reduto de candomblé, considerado como quilombo urbano situado no bairro de São Benedito em Olinda. Ivo Paraíso é o atual babalorixá do referido espaço.

chamar Agamenon de desgraçado, dado o calibre do sofrimento vivenciado. Uma coisa é ler que passar fome é horrível, outra coisa é viver a fome. A grande maioria de nós leu sobre a faxina asséptica e ética que a *Belle Époque* proporcionou, poucos viveram essa tragédia. Efetivamente, há entre dito e o vivido um abismo incomensurável.

Para usar uma imagem cara à Antropologia e tão presente nos trabalhos acadêmicos, podemos constatar diariamente, os rebatimentos dos ideais de uma cidade limpa, livre de mendigos, com calçadas largas, numa lembrança imemorial de uma Europa que nunca fomos. A cada investida contra os camelôs das ruas centrais do Recife, o que está subjacente a essa empreitada são os ideais da *Belle Époque*, que nunca desapareceram, só ganharam outras denominações, outros eufemismos. Entendo que urbanizar, sanear, ordenar o comércio, são fundamentais para a vida coletiva, não há dúvidas sobre isso. Visto que, ordenar, sobretudo a natureza, selecionar, demarcar espaços, é uma especificidade da cidade e dos que nela vivem. Entretanto, mesmo as melhorias coletivas precisam ser pensadas de forma mais sensíveis, nos moldes de uma ciência reencantada, como aconselha Ilia Prigogyne (1996). Observar hoje, um bairro com a configuração geográfica de Águas Compridas, atual sede do Leão Coroado, me fez pensar todo esse trajeto sócio-histórico-político-antropológico que o referido bairro e seus moradores fizeram. Entre eles, para mim, o mais importante: Afonso Aguiar.

Outro tema da citação de Peirano, caro para mim, é quando a mesma explicita a importância da orientação teórica e de como essa escolha epistemológica é vital para a realização de todas as fases de uma pesquisa antropológica. Como o presente capítulo, trata do meu encontro com o campo para a realização da etnografia, sinto a necessidade de expor a minha impressão sobre um encontro fundamental em todo o meu processo de refinamento acadêmico e pessoal: o meu encontro com a orientadora desse trabalho, a Professora Maria Aparecida Lopes Nogueira: Cida Nogueira.

Em 2007, já em meio ao meu segundo PIBIC por meio da produtora executiva do Leão Coroado na época, a cantora Dani Bastos, perguntei se a mesma não conhecia nenhuma professora na UFPE que trabalhasse com Imaginário. De pronto, Dani fala que tem amizade pessoal com Cida e que iria passar um e-mail contando do meu interesse em estudar Antropologia. Dependendo da resposta, eu iria para a primeira reunião de orientação realizada em março daquele ano. Confesso que não acreditei muito numa resposta positiva, mas qual foi a minha surpresa quando leio o e-mail de Dani, falando

que eu poderia participar da reunião. Lembro que liguei imediatamente para a mesma agradecendo a mediação que viabilizou esse encontro. A reunião estava marcada para as 08h00minhs na sala de Cida, localizada no CFCH da Universidade Federal de Pernambuco.

Ansioso, cheguei uma hora antes. Recordo estar vestido todo de branco com uma camisa estampada com o brasão do Leão Coroado. A sensação de incredulidade por estar ali, o nervosismo de encontrar alguém desconhecido, a possibilidade do nascimento desta pesquisa que hoje escrevo, os outros alunos e alunas, tão experientes e fluentes, a receptividade, enfim, todos esses sentimentos formavam um verdadeiro caldo de imagens, como bolhas de *champagne* ou como a nervura que escorre num copo de aguardente, sentia um torpor, um arrebatamento regidos por tantas incertezas.

Mais um pouco, e surge Cida....Com saia colorida, blusa solta, colares e uma faixa arrumando delicadamente os cabelos. Com duas bolsas, uma com pertences íntimos e outra com seus livros e agendas. Alguém me diz: "é ela quem você procura". Respondo: "muito obrigado, nunca esquecerei a sua delicadeza". Imediatamente sou tomado pela luz dessa criatura, que nunca tinha visto na vida, mas que parecia já compor a minha existência. Digo nervosíssimo: "sou eu o aluno que Dani lhe falou". E ouço de volta, numa doçura, que só a minha mãe é capaz de dispensar: "você é muito bem vindo, venha comigo para a minha sala". Nunca esquecerei esse encontro.

Entro na sala de orientação e os alunos e alunas vão se aproximando, um a um, como num rebanho que procura um caminho certo em meio ao deserto e sertão errantes. Sou imediatamente apresentado a todos os presentes e logo em seguida sou solicitado a falar da minha intenção em estar ali. Digo que estou finalizando o curso de graduação, falo do meu sonho em realizar o mestrado, sobretudo na área de cultura popular e do imaginário e que adoraria ter a honra de contar com a orientação de uma professora que desde o primeiro momento tinha me cativado. Ouço em resposta: "peço a você que me escreva uma carta com as suas intenções de pesquisa e, sobretudo sobre a disposição em realizar um mestrado". Respondo: "não se preocupe! Faço a carta, imprimo e entrego na secretaria". Pronto! A partir dali em diante, se descortinou em minha vida um encontro arrebatador, que mudou e a cada encontro muda a minha existência. Com Cida Nogueira em minha trajetória me forjei num pesquisador ligado a causas mais amplas.

Fui apresentado e pude me aprofundar, por conta desse encontro, na obra e vida de Ariano Suassuna, verdadeiro cadinho para pensar a condição humana. Conheci Edgar Morin e o pensamento complexo, lastro que me sustenta na teoria acadêmica e na minha vida pessoal.

Ainda num diálogo direto com a citação de Peirano, entendo que a minha própria escolha desde o tema de pesquisa, a orientação, a filiação epistemológica, reflete um encontro que espelha o meu próprio *ethos,* ou seja, o *ethos* do pesquisador que de fato influencia e intervém diretamente a configuração da pesquisa, como exalta Peirano.

Talvez por isso, pelo *ethos* que me configura, o meu primeiro encontro com Mestre Afonso não tenha sido tão tenso como havia imaginado. Outra ideia que se desintegrou diante de mim, foi que a imagem criada acerca do Guardião do Leão não correspondia à realidade tão comentada por tantos pensadores da cultura. A imagem que tinha de Mestre Afonso não reproduzia a realidade.

O encontro que deflagrou toda essa pesquisa, que tem o seu embrião nos PIBIC'S por mim realizados, ocorreu num domingo de julho de 2006. Realizei uma ligação na sexta-feira para marcar o horário e adiantei um pouco da minha intenção. De fato, o meu primeiro encontro, com aquele que iria, modificar a minha trajetória como ser humano, ocorreu pelo frio contato de uma ligação telefônica. Acertado hora e local, agradeço a atenção desejando ótima noite. Chega o tão esperado momento: o domingo marcado. Lembro de ter perguntado aos amigos onde era o endereço em Águas Compridas, só sabia que a sede era num local chamado Largo do Afonso. Recebi também recomendações que tomasse cuidado, pois o local era meio esquisito e que se fosse de carro o acesso era complicadíssimo. Agradeci a preocupação de todos, e me dirigi sozinho ao encontro do Escolhido[14] do Leão.

Já no bairro, saio perguntando sobre a sede do Maracatu Leão Coroado. Errando e acertando me deparo em frente a uma casa. Vejo algumas alfaias penduradas na varanda, sinto que cheguei onde almejava.

[14] O guardião do Maracatu Leão é também aqui chamado de escolhido, pois de fato, quem o escolhe para liderar a agremiação, são os orixás, por meio do jogo de búzios.

Imagem 5 Trabalho de bordado para compor a corte do Maracatu Leão Coroado.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2006.

Respiro fundo, bato palmas. Depois de um intervalo de alguns minutos aparece uma moça, Gil, hoje a Rainha da agremiação, que me cumprimenta e pede para eu me acomodar nas cadeiras do terraço. Pergunta se desejo tomar água e avisa que Mestre Afonso está tomando café e logo em seguida irá me receber. Agradeço toda a gentileza e peço que a mesma fique a vontade, que eu esperaria ali sozinho, sem nenhum problema.

Observo, toda a estrutura da parte frontal da casa/sede e identifico as inumeráveis alfaias dispostas, couros de bode cortados, madeiras cerradas, cola para os mais variados fins, lantejoulas de um brilho que nem todo diamante possui, estandarte encostado à parede, máquina de costura com pedaços de tecido presos à agulha, sinalizando que alguém trabalhou até tarde em alguma fantasia, gaiolas de passarinhos e

seus cantos, choro de criança pequena, um verdadeiro repertório de vida, pulsante e dinâmico.

Finalmente, sou brindado com a presença de Afonso Aguiar, que me recebe com um solidário sorriso e um bom dia muito caloroso. De porte atlético, vestindo branco da cabeça aos pés, Mestre Afonso pede para sentarmos em cadeiras de balanço e antes mesmo de qualquer tentativa de explicação da minha parte, a respeito do motivo da minha visita, ele diz: "não interessa o tema, ou o que você deseja trabalhar, o mais importante é o consentimento dos orixás. Se o trabalho não andar, é sinal que os orixás não estão felizes com você e aí o trabalho todo precisa ser esquecido". Percebi naquele momento exato, que ganhava além de um interlocutor para a pesquisa, um interlocutor e um guia para a minha vida. Senti naquele momento, que estava diante de um homem especial, um guardião de segredos ou do segredo, um homem vocacionado para as coisas da alma, sem, contudo se perder das coisas pertinentes ao cotidiano, ao contexto social vivido por todos. Ainda hoje, tenho em minha memória, de forma muito nítida a imagem forte, de Mestre Afonso neste primeiro encontro; a minha primeira impressão!

Imagem 6 Mestre Afonso, vestida de rainha está Morgana e ao fundo de camisa azul, visualizamos Gil, primeira pessoa do Leão Coroado com quem troquei as primeiras palavras.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2006

A impressão de ter sido tão bem acolhido por pessoas que nunca tinham me visto, a generosidade de todos em me informar as questões levantadas, são lembranças que marcarão para sempre esse encontro vivido. Lembro que Morgana (rainha do cortejo em 2006) fez questão de adornar-se com esse lindo vestido verde para materializar a minha foto e enriquecer o meu trabalho. Recordo de pedir para a mesma não incomodar-se nem se dá ao trabalho de vestir uma roupa tão pesada nem de atrapalhar os seus afazeres por conta da minha visita, mas não houve acordo. Numa generosidade indescritível, arrumou-se toda e coroou o momento do meu primeiro encontro com Mestre Afonso e pousou como uma monarca da gentileza para a foto aqui elencada.

Imagem 7 Mestre Afonso tocando alfaia.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Ao ver as imagens de Afonso Aguiar, associo sempre a mesma à descrição do homem negro que Ariano Suassuna (1974) faz na Introdução da peça teatral “A Farsa da Boa Preguiça”. O autor fala da fidalguia e nobreza do povo negro brasileiro, que apesar da escravidão e de todo o processo de exclusão a que tem sido submetido, mantém sua dignidade e gentileza.

Vi em Afonso um homem que não se dobra fácil, que enfrenta os desmandos e critérios de editais, que se recusa a participar de concursos e da Noite dos Tambores Silenciosos do Recife, como também na programação oficial do carnaval da Secretaria de Cultura da capital pernambucana, pois segundo Mestre Afonso, na atualidade a programação é para turista ver e não para agradar os orixás e manter a tradição.

Descobri em Mestre Afonso, uma fortaleza, um amigo em que posso confiar e conversar sobre todos os assuntos, desde religião até os cinismos da política. Entendi a partir daquele primeiro encontro e nos que ocorrem até hoje, que estava diante de uma pessoa com uma inteligência e sabedoria diferenciadas, de um alcance e visão que só os mestres têm.

Desde o primeiro encontro foi estabelecida uma parceria que perdura independente de trabalho de pesquisa e de campo, vivemos uma relação afetual, que extrapola a frieza de uma entrevista para subsidiar uma pesquisa, pois Afonso é um cidadão do mundo. A ideia de uma alteridade exótica da tradição, com ele desaparece. Consigo me ver nele metamorfoseado, sem me perder, sem me implodir. Vejo nele, as lutas por um mundo melhor, especialmente no bairro de Águas Compridas, as críticas contundentes e perspicazes sobre todos os assuntos da atualidade, especialmente os relacionados ao campo político - sobretudo porque o mesmo já foi candidato a vereador nas eleições de 2008 -, sobre a política, costuma dizer, que nós, os intelectuais, nem imaginamos o que verdadeiramente acontece nos bastidores de uma eleição. Se diverte com os comentários de alguns cientistas, quando os mesmos tecem comentários sobre o que não sabem.

Sobre essa arrogância de alguns acadêmicos, notadamente os que estudam as manifestações da cultura popular, e que por vezes o procuram para entrevistar, em um encontro realizado em 2010, Mestre Afonso me diz:

> "Outro dia, chegou aqui uma pessoa que trabalhava com candomblé, com os Orixás, enfim... Essa criatura nem me deixou falar! Simplesmente já estava com tudo pronto e só queria ouvir o meu aceno de que o seu pensamento estava certo. Nem ouvi direito! Disse que estava tudo direitinho e que podia defender o trabalho. Nunca mais voltou aqui! Ainda bem! É muito desrespeito, o camarada vir à sua casa, tomar o seu tempo e querer fazer você de idiota."

Esta fala traz consigo um comportamento ético admirável, de um fidalgo suassuniano. Pois apesar de contar a situação vivida por ele em detalhes, jamais disse o nome do pesquisador ou pesquisadora. Sua narrativa não possibilita identificar esse dado. A nobreza dessa atitude é louvável e digna de ser praticada por todos os que efetivamente ainda acreditam numa relação mais respeitosa.

Quando Mestre Afonso reclama da atitude do acadêmico ou da acadêmica, o faz de tal forma, com uma sutileza tão bonita, que, sobretudo os valores de vida, os valores mais importantes e fundamentais da vida, como o respeito ao outro, respeito ao meio ambiente e a todas as espécies vivas, respeito ao planeta, ao universo, a nossa grande morada, delineam algumas características da cultura do Escolhido. Essa postura perante os ditames da vida na contemporaneidade reitera a idéia de homem genérico de Marx, que em linhas gerais seria o sujeito que não dissocia natureza e cultura, ideia que trabalharei nos capítulos seguintes.

Importante agora é perceber que seres humanos como Afonso, são fios de esperanças para todos que ainda têm força para investir e apostar na utopia da construção de um mundo diferente, melhor! Que repertórios de vidas como o dele, são chamarizes, bandeiras vivas para contrapor frontalmente o desencantamento contemporâneo que insiste em nos desumanizar.

Apesar de vivermos em um mundo com essas especificidades elencadas, ainda temos chance de instaurar um ponto de virada, pois como diz Morin (2000), um mundo de paz ainda é possível; percebo e acima de tudo acredito, que encontros ocorridos como os da literatura e do cinema nos inspiram tanto quanto os ocorridos com homens da grandeza de Afonso Aguiar; pois são possibilidades reais para a construção de um planeta mais justo, mais igualitário, mais fraterno.

CAPÍTULO II

Das origens e da sucessão do guardião do Maracatu Leão Coroado.

"Quanto mais buscarmos as nossas origens, as origens do Leão Coroado, mais compreenderemos o que somos."

(Afonso Aguiar, 2007)

"Deixar-se embriagar de mitos" [15]

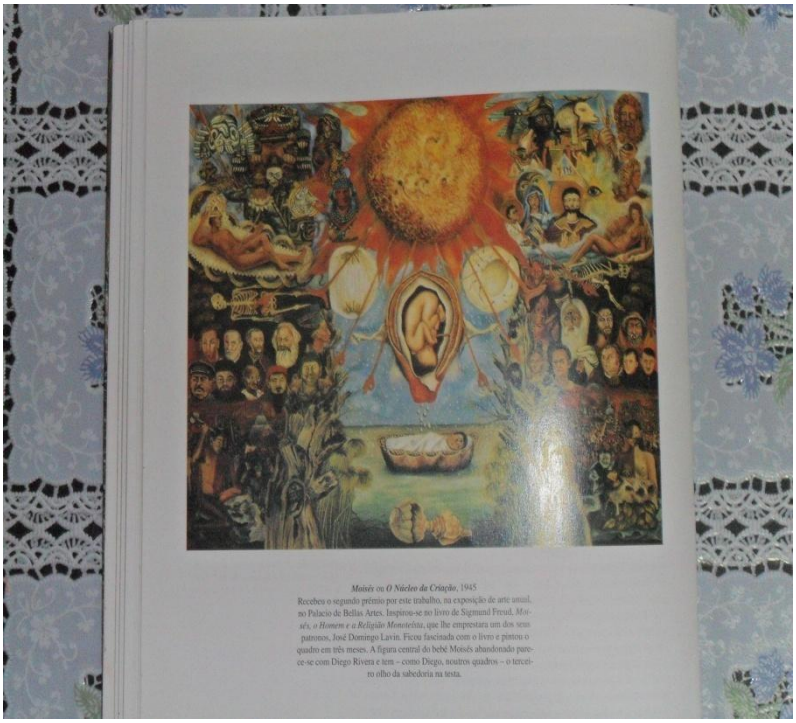


Imagem 8 Moises ou A criação do mundo.
Fonte: Andrea Kettenmann: 2001, Alemanha, p. 73

"Quem somos? É inseparável de onde estamos, de viemos, para onde vamos?" (Morin, 2007). A busca incessante pelo sentido da existência é uma das marcas da condição humana, ela consagra o *homo sapiens sapiens demens*, pois "seria irracional,

[15] Sic. Em conferência proferida pelo Dr. Edgard de Assis Carvalho em 2011, intitulada "A recuperação do tempo: As Mitológicas de Claude Lévi- Strauss".

louco e delirante ocultar o componente irracional, louco e delirante do humano". (Morin, 2007).

Mesmo tendo o *demens c*omo constituinte, a faceta do *sapiens,* sobretudo na contemporaneidade, teimar em prevalecer como única:

> O instrumental sapiens serviu ao assassinato demens. Foi o mesmo sapiens que exterminou os seus congêneres, aborígenes da Austrália, índios da América, criou a escravidão e o degredo; e, a partir dos poderes da ciência e da técnica, lançou-se à conquista do planeta, gerando uma potência mortal capaz de aniquilá-lo. Claro, existem algumas ilhotas de bondade, de generosidade, de amor e de misericórdia no coração desta espécie criminosa.
>
> A agressividade exibe-se na história humana. Guerras externas predadoras, delinquência e criminalidades internas. Um delírio de devastações, de assassinatos e de suplícios sempre acompanha as vitórias. Uma formidável onda de barbárie alastrou-se na Alemanha, a nação mais civilizada do século XIX. Nenhuma nação está ao abrigo. Por toda parte onde o homo continua a pretender-se sapiens, onde imperam o homo faber e o homo economicus, a barbárie está sempre pronta para ressurgir.
>
> (Morin: 2007, p. 117)

A própria nomenclatura *sapiens sapiens,* já denuncia essa marca, pois significa que nós somos os únicos seres vivos que sabemos que sabemos, e sabemos muitas vezes sermos crueis, implacáveis com todas as espécies vivas. Parece que pioramos com o tempo, "a sociedade está aí para mostrar que não melhoramos!" (Chauí, 1999)[16], "o termo "humano" é contraditório, ambivalente; de fato, é demasiado complexo para os espíritos formadores no culto das idéias claras e distintas" (Morin: 2007, p. 17).

Mesmo assim, demonstrando em alguns momentos uma irracionalidade insana, insanidade que lhe é constituinte, somos os únicos seres vivos produtores de cultura e de civilização, ainda que a proximidade com os outros primatas, a exemplo de gorilas e chimpanzés nos seja muito próxima. Inclusive, por meio da diferença na configuração como humanos e, portanto produtores de cultura conseguimos realizar todas as ações que outras espécies realizam sem nos desconfigurar anato-fisiologicamente. Como exemplo disso, podemos citar a invenção do avião, que nos possibilitou voar sem a necessidade de possuirmos asas.

As invenções e criações configuram a marca da cultura na espécie humana, pois

o

[16] Entrevista ao Roda Viva da TV Cultura.

> ..... *homo sapiens* só se realiza plenamente na e pela cultura. O aparecimento da cultura opera uma mudança de órbita na evolução. A espécie humana evoluirá muito pouco anatômica e fisiologicamente. São as culturas que se tornam evolutivas, por inovações, absorção do aprendido, reorganizações; são as técnicas que se desenvolvem; são as crenças e os mitos que mudam; foram as sociedades que, a partir de pequenas comunidades arcaicas, se metamorfosearam em cidades, nações e impérios gigantes. No seio das culturas e das sociedades, os indivíduos evoluirão mental, psicológica, afetivamente.
>
> A cultura é, repitamos, constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir-faire*, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. A cultura acumula o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta vários princípios de aquisição e programas de ação. O primeiro capital humano é a cultura. O ser humano, sem ela, seria um primata de mais baixo escalão.
>
> (Morin: 2007, p.35).

Produtos da cultura, os mitos, a partir do exposto acima, são um notável recurso para pensar as feituras humanas, as suas inquietações e notadamente a mitologia é uma saída para entender o ininteligível, os fatos sem explicação apenas racional, o que aparentemente não tem solução. Ata em si e em seus diversos repertórios, um começo, um caminho, uma fonte para o entendimento de incontáveis temas, pois as narrativas míticas condensam em si as dimensões etnográficas, lógicas e semânticas. Com a melodia das suas narrativas, podem reforçar as ilhas de bondade alertadas por Morin, pode colaborar na construção de um conhecimento científico novo, um novo espírito científico. (Bachelard, 1988).

A versão ou versões acerca da origem do Maracatu Leão Coroado e a sua manutenção é mantida, sobretudo pela presença do guardião. Ele tem a autoridade de asseverar o poder do mito de fundação do maracatu-nação que encabeça. Toda narrativa mítica carrega em si múltiplas dimensões, que podem se retroalimentar e se complementar sempre que for necessário. Não há absolutismo para contar um mito. A primeira dimensão do mito situa no tempo e espaço – categorias caras à Antropologia -, dizem respeito a um determinado grupo humano, estão situados geograficamente e demarcados pelos engendramentos políticos, sendo simbolicamente definidos. A segunda dimensão toca o itinerário que o mito percorre, ao conteúdo lógico interno de sua história, há uma coerência, um juízo próprio, que diz respeito a si mesmo e aos indivíduos que o mantém. A terceira dimensão encerra o aspecto semântico da narrativa mítica.

"O princípio semântico elimina tudo o que não tem sentido e dá significado a tudo o que acontece. Não existem acontecimentos puramente contingentes: todos os acontecimentos são de fato signos e mensagens que pedem e obtêm interpretações." (Morin, 2008). Como Exu, orixá que nas nações Nagô de Candomblé é o mensageiro entre as divindades e os homens, e por isso, é o primeiro a ser invocado nos rituais, "o universo mitológico é um emissor de mensagens. De maneira semelhante a Exu, o guardião também encerra em si uma mensagem, um segredo, que de forma geral enriquece e nutre a própria narrativa do grupo acerca da própria fundação e origem. Nesse sentido, o pensamento mitológico caracteriza-se por uma proliferação semântica e um excesso de significados" (Morin, 2008), contemplando aí as possíveis dúvidas sobre a trajetória do maracatu-nação que lidera. Destaco que em nenhum momento, em nenhuma entrevista realizada, Mestre Afonso demonstrou preocupação acerca das possíveis versões sobre a data de fundação do Leão Coroado, por exemplo. O guardião, nesse sentido, não tem preocupações excessivas com as verdades históricas, classificatórias e acadêmicas. Ele e toda a nação vive a narrativa de fundação vigente, ou seja 1863, sem grandes interrogações, pois o mais importante, o que mais interessa de fato é manter o segredo velado e mantido, do modo como Seu Luiz[17] deixou. Cuidar com a própria vida desse segredo, cuidar com o maior zelo desse segredo se configura na tarefa mais importante.

Além do sentido, ou melhor, dos sentidos que uma narrativa possa ter, nota-se outra especificidade da narração mítica: o seu diálogo com a história e suas mudanças constantes, a partir do par sincronia e diacronia.

Na narrativa mítica, há sempre um núcleo duro, que apresenta uma enorme resistência para mudança, sobretudo os mitos de origem religiosa, porém no que tange ao aspecto diacrônico, ligado ao processo histórico e atualizado constantemente, há uma brecha para a modificação, pois os mitos são feitos, nutridos pelos homens, que estão inscritos na história, portanto, mudamos e, essa mudança resvala na cultura e nos diversos registros do seu cortejo. A cultura da tradição também apresenta um núcleo de resistência e por isso são tradicionais, contudo há espaço para mudanças, pois se não houver, a própria manifestação corre o risco de desaparecer.

[17] Antecessor de Mestre Afonso.

As mitologias enquanto narrativas proporcionam uma ordenação da vida no sentido prático, pois não se remetem apenas ao cosmo, aos mitos e deuses em si mesmos. Não há limite para a narrativa mítica, ela é imanente à cultura de qualquer povo, sem distinção. Onde houver agrupamento humano, haverá mitos, haverá relatos de afinidades entre o divino e o terreno, das relações entre o homem e a natureza; o mito, a partir disso, se faz presente de forma imperiosa. Destaco ainda que a narrativa mítica contém em si sempre um começo, meio e fim, não sendo a linearidade necessariamente seguida. Por conta disso, a narrativa mítica, por mais irreal que algumas vezes possa soar, tem de forma geral um sentido e mensagens muito claras:

> Qualquer que seja a sua natureza, o mito é sempre um precedente e um exemplo, não só em relação às ações – "sagradas" ou "profanas", - do homem, mas também em relação à sua própria condição. Ou melhor: um precedente para os modos do real em geral. "Nós devemos fazer o que os deuses fizeram no princípio". Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens". Afirmações deste tipo traduzem perfeitamente a conduta do homem arcaico, mas não se pode dizer que elas esgotem o conteúdo e a função dos mitos: com efeito, uma boa parte dos mitos, ao mesmo tempo que narra o que fizeram *in illo tempore* os deuses ou seres míticos, revela uma estrutura do real inacessível à apreensão empírico-racionalista.
>
> (Eliade:1993, p. 339, grifo meu).

Constata-se assim, que a mitologia está presente no trajeto antropológico de qualquer grupo humano, que desfruta de estatuto de verdade, pois costura itinerários comuns, aproxima pessoas que compartilham das mesmas crenças, sejam elas religiosas, históricas, científicas, pois as áreas do saber, independente de onde são constituídas, têm os seus mitos, seus mitos de origem e de explicação. Recentemente, o Papa Bento XVI, deu a seguinte declaração: "o Big – Bang existiu, mas foi Deus quem quis". (Rádio Jornal, 03 de maio de 2011). Essa frase é emblemática, para configurar a imagem da citação de Eliade, por conter duas narrativas mitológicas juntas: a explicação da criação do mundo por uma visão religiosa e outra por uma visão científica clássica.

Terreno inesgotável para refletir, a mitologia e suas narrativas, incluindo aí a criação do mundo e da humanidade são um repertório precioso para pensar a própria pesquisa aqui esculpida. Pensar a origem ou as origens do Maracatu Leão Coroado e, sobretudo o trabalho do guardião do segredo em meio a esse contexto, possibilitou vislumbrar além da própria narrativa de fundação do Leão, vislumbrar outras narrativas, outros itinerários antropológicos. Como cada grupo humano ou grupo cultural, incluindo aí os maracatus-nação, possui um trajeto sócio-histórico-político-cultural, selecionei, no intuito de enriquecer e ampliar o pensamento, uma narrativa africana:

> Nzame, Mebere e Nkwa eram os três aspectos de um mesmo deus. Nzame era o aspecto transcendente, e Mebere e Nkwa, os aspectos masculinos e femininos. Nzame criou o Universo. Quando terminou, Mebere e Nkwa sugeriram-lhe que a Terra deveria ter um governante. Primeiro, propuseram três animais para governar juntos: o elefante, por sua sabedoria, o leopardo, por seu poder, e o macaco, por sua flexibilidade. Como isso não funcionou, criaram um ser à sua semelhança para governar: Fam.
>
> Mas Fam tornou-se arrogante. E foi desrespeitoso com Nzame. Zangado, Nzame destruiu a Terra que havia criado, porém Fam sobreviveu, pois a ele havia sido prometida a vida eterna. Nzame, Mebere e Nkwa criaram novamente as plantas e os animais, além de outro homem à sua imagem e semelhança, dessa vez um mortal comum, Sekume, que com sua esposa Mbongwe, tornou-se o ancestral do povo fang. [18]

Mesmo o pensamento mítico sendo,

> ....totalmente alheio à preocupação com pontos de partidas ou de chegadas bem definidos, não efetua percursos completos: sempre lhe resta algo a perfazer. Como os ritos, os mitos são in-termináveis.
>
> (Lévi-Strauss: 2004, p. 24).

Observamos, contudo, que mesmo a narrativa mítica tendo por especificidade a interminabilidade, o incomplemento, há simultaneamente um aspecto redondo, que no final, guia e materializa a vida das pessoas. Mesmo em meio ao caos e a transgressão das narrativas, há um fio condutor tácito que direciona, conforta, organiza o plano individual e o coletivo. Torna-se assim referencial, personifica oralidades, cristaliza imaginários aparentemente desorganizados e irreais, sendo um excelente antídoto para o exercício do pensar.

No caso específico dos inícios do Maracatu Leão Coroado, sobre o seu mito de criação, há algumas versões sobre a sua fundação. Um ponto pacífico entre os pensadores da cultura popular, de forma ampla, parece ser com relação ao surgimento da manifestação cultural, maracatu-nação.[19]

Com origem nas coroações de reis negros realizadas no período colonial brasileiro, o maracatu-nação vai deixando de se apresentar exclusivamente nas festas religiosas e participando aos poucos dos festejos de Momo. Essa participação se intensifica a partir de 1888, quando com a abolição da escravatura, a figura do Rei do Congo, que até antes do período citado tinha a função de disciplinar os seus

[18] Retirado do Guia visual da mitologia do mundo: National Geographic: 2010.

[19] Denominação dada aos maracatus que tem ligação direta com o candomblé.

subordinados e de auxiliar a coroa portuguesa na tarefa de tornar menos tensa a convivência do negro africano na cidade. Sobre esse momento vivido, Leonardo Dantas Silva diz,

> No início da segunda metade do século XIX, começa a ser registrada na imprensa do Recife, de forma esparsa, a presença do Rei do Congo nos festejos carnavalescos, conforme alusão do noticiário do Jornal do Recife de 12 de março de 1859 –"também não faltou o célebre bumba-meu-boi, o apreciável fandango e a cena do Rei do Congo"-; no ano seguinte, em sua edição de 25 de fevereiro, o mesmo jornal dá notícia do "batuque do Rei do Congo e do clássico bumba-meu-boi" (2000, p. 55).

Desde o surgimento, até hoje, nos maracatus-nação, a ligação com a religião dos Orixás é mantida. Geralmente à frente de um maracatu nação está um babalorixá [20]ou uma ialorixá.[21] À frente do Maracatu Leão Coroado, na atualidade, está Afonso Gomes de Aguiar Filho, atual guardião desse brinquedo[22] centenário. Segundo o mito de referência reconhecido por ele e por todos os integrantes, o Leão Coroado e o extinto Maracatu Elefante, são os maracatus-nação mais representativos, em termo de tradição e originalidade.

De acordo com Roberto Benjamim, atual presidente da Comissão de Folclore de Pernambuco, o Leão teria suas origens nas imediações da região portuária do Recife, do século XIX. Os fundadores seriam uns "tios da costa, uns escravos" [23]. O autor afirma que a data de 08 de dezembro de 1863, pode ser considerada como fonte segura no tocante à fundação, ao mito de referência de origem do grupo[24].

> ...Designado pela expressão mito de referência, não é – senão uma transformação mais ou menos elaborada de outros mitos, provenientes da mesma sociedade ou de sociedades próximas ou afastadas. O interesse do mito de referência não reside, nesse sentido, em seu caráter típico, mas, antes, em sua posição irregular no seio de um grupo. Pelos problemas de interpretação que coloca, ela é, com efeito, especialmente apropriada ao exercício da reflexão.
>
> (Lévi-Strauss: 2004 p. 20).

[20] Sacerdote do Candomblé.

[21] Sacerdotisa do Candomblé.

[22] Denominação dada pelos integrantes das diversas manifestações da cultura popular pernambucana.

[23] Luiz de França e Afonso Aguiar usam a expressão "da costa" para se referir aos homens e mulheres que chegaram ao Brasil, vindos da costa da África.

[24] Entrevista realizada em 2006.

A questão levantada por Lévi-Strauss espelha de maneira muito aproximada o que constatei durante o trabalho de campo junto ao guardião e aos integrantes do Maracatu Leão Coroado. Pois quando indaguei sobre as origens e a possibilidade de co-existir mais de uma narrativa para o surgimento do Leão Coroado, Mestre Afonso simplesmente me disse que "nós saberemos cada vez mais do presente a partir do momento que voltarmos ao passado".[25] Percebo nessa fala uma visão ampla acerca das incertezas da vida e do que asseguramos como verdade absoluta.

Nessa mesma entrevista, ele me confidencia que hoje aceita a narrativa de fundação que foi recebida por Luiz de França, mas que não se surpreenderia se fosse comprovada outra data, outra trajetória do brinquedo. Um discurso desses é uma afronta aos que ainda pensam que os homens da tradição são anacrônicos e intransigentes, que não se atualizam na esteira do tempo. Ao contrário, demonstram segurança suficiente para admitir a possibilidade do erro e da incerteza. Na fala de Mestre Afonso, nunca senti uma retroação, mesmo quando o próprio assevera ser tradicional,- o que muitas vezes, no meu entender, é interpretado por alguns intelectuais de forma equivocada-, o tradicional surge para afirmar sobretudo o caráter religioso que o maracatu-nação encerra, e não para os outros elementos que compõem o cortejo. Se assim fosse, não existiria a substituição de materiais, na confecção de uma alfaia, por exemplo. Hoje, na falta da macaibeira, matéria prima usada largamente há cerca de duas décadas, a fabricação de alfaias seria extinta e com ela o próprio maracatu-nação, pois maracatu sem música, sem batuque, é algo impensado. A narrativa e a própria existência da manifestação, nesse contexto, não se fecha em si mesma, permite adaptações que a contemporaneidade oferece, pois,

> Obedece ao princípio de que cada enredo, ambíguo por natureza, origina-se de um tronco único, perdido na noite dos tempos. Uma matriz à qual acrescentam-se adornos, enfeites, variantes, tudo que confira dimensão coral ao que conta.
>
> (Piñon: 2008, p.40, grifo meu).

Comungando com Nélida Piñon, entendo que não existe uma versão para o mito de referência acerca da fundação do Leão, mas versões, mosaicos de possibilidades. Porém, pretendo descortinar um caminho, a partir da versão defendida por alguns pensadores da cultura, como Roberto Benjamim e do atual guardião do Leão, Mestre

[25] Entrevista concedida em 2011.

Afonso. Aliás, a tensão existente sobre o trajeto do brinquedo, não repousa tanto sobre a própria origem e seu percurso. Ainda de acordo com Roberto Benjamim,

> Depois da reforma portuária do século XIX no Recife, o Maracatu Leão Coroado, muda-se para as cercanias do bairro da Boa Vista, nas proximidades na Igreja de Santa Cruz , de São Gonçalo e do Mercado da Boa Vista, numa rua, que na contemporaneidade leva o nome do maracatu.[26]

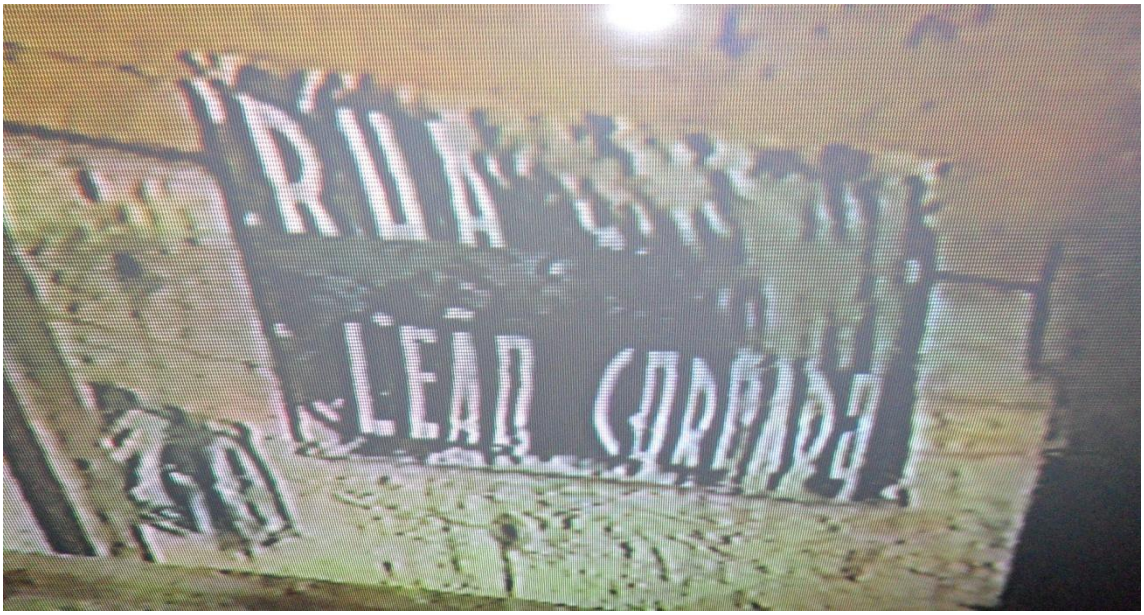


Imagem 9 Rua Leão Coroado
Fonte: Luciano Borges. Recife, 2006.

O depoimento acima é reforçado pela matéria publicada na revista *Continente Documento*, junto com a própria rua, o que forma um par de apoios material para nutrir a memória do Maracatu Leão Coroado, pois foi nela,

> Que Mestre Luiz de França, nascido em 1901, na Rua da Guia, bairro do Recife, filho de Laureano Manoel dos Santos e Philadelpha da Hora, começa a participar do maracatu quando a sede ficava no bairro da Boa Vista, numa rua que hoje se chama Leão Coroado.

[26] Em entrevista realizada em 2006.

Imagem 10 Igreja de São Gonçalo, local frequentado por Luiz de França.
Fonte: Luciano Borges. Recife, 2011.

Membro da Irmandade de São Benedito da Igreja de São Gonçalo da Boa Vista e da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio. Um dirigente desta última, José Luís, foi quem passou ao afilhado Luiz de França a direção do folguedo. [27]

[27] Revista *Continente Documento*. Ano IV. Nº 43/2006.

Imagem 11 A decepção de encontrar um espaço tão importante para a cultura e para a história do povo pernambucano sem uma única indicação. Apenas a moldura é testemunha do que um dia sustentou a placa dessa rua histórica. Garanto, que se a mesma fosse situada em algum endereço de classe média alta do Recife, esse descaso não seria tão tristemente presenciado.

Fonte: Luciano Borges. Recife, 2011.

Essa matéria, ressoa, amplifica uma entrevista de Mestre Luiz concedida a Carmem Lélis e Paula Lira, da Fundação de Cultura do Recife, no ano de 1995:

> Então eu tô com esse maracatu porque é uma questão de deixa, dos meus avós deixa pro meu pai, foi deixa pra esse José Luís da Costa, amigo do meu pai e eu ingressei nesse maracatu, nasci dentro desse maracatu.[28]

[28] Retirado do folder Assumindo Nossa História, 2003.

Imagem 12 Dona Hercília Irineu da Silva. 92 anos. Mora desde 1972 no sobrado 105 da Rua Leão Coroado e assegura que foi nesse endereço que o Maracatu Leão Coroado teve sua sede.
Fonte: Luciano Borges. Recife, 2011.

Destaco na fala de Mestre Luiz, a ideia implícita da sucessão. Da continuidade da agremiação, sobretudo por meio dos laços de família e de amizade; no estatuto do Maracatu Leão Coroado, encontramos como sócio fundador o nome do pai de Luiz de França. Destaco também além da preocupação com a sucessão, outra situação fartamente capturada na oralidade, pois foi confirmada por Afonso Aguiar tanto em entrevista, como em registros escritos. Algo que atormentava Seu Luiz! Quando perguntado pelo repórter do *Diário de Pernambuco*:

> Ao longo dos anos, o senhor e seu maracatu receberam muitas homenagens. Nenhuma delas, entretanto salvou o Leão Coroado.
>
> Luiz de França:

> A homenagem que eu mais queria nunca recebi. Foi ganhar uma sede para meu maracatu.[29]

Imagem 13 Fachada da futura sede do Leão. Um sonho acalentado há 148 anos.
Fonte: Luciano Borges.Olinda, 2011.

Há nas falas acima uma coerência entre o plano da oralidade, tão acusado de não desfrutar do *status* de verdade, de ser volátil, fugidio e de fácil manipulação, inclusive por parte do pesquisador, e nos registros escritos; os documentos analisados para a pesquisa e os depoimentos raramente divergem, há uma complementaridade que enriquece a narrativa do guardião. Tentativas de suturar a oralidade e a concretude dos vestígios materiais – busca dessa dissertação – talvez diminuam a maneira de alguns intelectuais, especialmente os historiadores, que insistem em se apoiar apenas nas bases sólidas e confortáveis dos registros empíricos de fácil mensuração como os únicos

[29] Diário de Pernambuco, 14 de janeiro de 1996.

meios para entender os complicados percursos que os grupos da tradição de Pernambuco e do mundo afora, perfazem.

Para Antônio Montenegro,

> A grande dificuldade de aliar as fontes históricas tradicionais ao depoimento oral é que, em princípio, a fonte da memória é constitutivamente distinta da fonte histórica pela dimensão do próprio efeito que os fatos, acontecimentos ou situações desencadeiam. A memória coletiva ou individual, ao reelaborar o real, adquire uma dimensão centrada em uma construção imaginária e nos efeitos que essa representação provoca social e individualmente.
>
> Nesse sentido, o tempo da memória se distingue da temporalidade histórica, haja visto que sua construção está associada ao vivido, como dimensão de uma elaboração da subjetividade coletiva e individual, associada a toda uma dimensão do inconsciente.

(Montenegro: 2007, p. 20).

No tocante aos 148 anos de existência do Leão Coroado, umas das grandes contradições, ou a maior contradição, repousa na sucessão de Luiz de França para Afonso Aguiar, no ano de 1996. "Entrei no Leão Coroado em outubro de 1996. Seu Luiz ainda comandou o carnaval de 97, foi aos Tambores Silenciosos. Eu nunca tinha visto passar maracatu na minha frente, nunca ia mesmo ao carnaval." [30]

Nos inúmeros encontros em que tive e tenho a honra de conversar com Mestre Afonso, ele sempre faz questão de reforçar a sua condição de não carnavalesco, mas de um guardião, de um zelador dos dados[31] acumulados e repertoriados por Mestre Luiz de França. Quando Roberto Benjamim procurou Afonso Aguiar em 1996 e o apresentou para Luiz, a intenção maior não era encontrar um carnavalesco e sim um indivíduo que detivesse o conhecimento necessário para herdar o bastão do Leão Coroado, notadamente os preceitos religiosos que lastreiam o Leão.

O critério não era ser um rei - figura que no Leão Coroado, é reduzido a um mero figurante, sem destaque quase nenhum. Tanto é assim que qualquer integrante pode ser rei no Leão. Também não buscava nem um líder apenas para a agremiação, do mesmo modo relativamente fácil de encontrar, pois todas as agremiações de maracatu-

[30] Revista *Continente Documento*. Ano IV. Nº 43/2006.

[31] Entrevista de campo em 12 de novembro de 2011.

nação têm o seu líder ou presidente. Porém, a busca de Benjamim era de um quilate maior, era por um *babalorixá* que se afinasse com os ensinamentos que Luiz defendeu e guardou durante toda a vida, fruto de um aprendizado familiar consanguíneo e cultural, pois no candomblé, os laços familiares são trabalhados permanentemente, durante toda a vida. Mesmo quando o *babalorixá* ou a *yalorixá*, assumem os postos máximos na hierarquia, há sempre a necessidade de ter alguém que cuide da vida espiritual. Que cuide da cabeça, ponto central de energia, entrada para os orixás. O indivíduo nunca se basta. Retroalimenta em sua prática a coletividade, tão relegada no mundo contemporâneo, pelo menos em sua grande maioria.

Mestre Afonso é talhado para o papel que encarna atualmente. Foi escolhido por Luiz e pelos orixás. Na tradição, teve o aval e acompanhamento de Manuel Papai, atual guardião do Terreiro de Pai Adão do bairro de Água Fria. Segundo a narrativa de Afonso:

> Tive o meu primeiro encontro com Luiz de França no Sítio de Pai Adão. Fui apresentado a ele, o mesmo fez um aceno para mim, meio desconfiado, como quem lhe testa desde o princípio. Luiz tinha uma desconfiança mesmo! Com muita gente! Assistimos juntos as cerimônias no Sítio, com a presença de Manuel Papai e outros integrantes do terreiro. Isso em 1996. Em 1997, Luiz veio aqui para casa, já em Águas Compridas, onde ficou hospedado comigo e minha família...passou a me chamar de mano. Assistiu a diversas obrigações minhas aqui no terreiro... para me testar realmente! Para assegurar que os meus procedimentos passassem em seus conceitos, no que ele acreditava e defendia como certo. Aliás, o fato de ser escolhido para guardar o Leão é um destino que se repete, pois a minha primeira missão foi herdar o terreiro de meu pai. Os meus irmãos e irmãs, não quiseram assumir a responsabilidade. A missão é muito árdua. Quando fui chamado para a "deixa" do maracatu, sentia que realmente tinha sido escolhido pelos orixás.[32]

Ressalto que nesse testemunho de Mestre Afonso, o saber/fazer e a técnica para materializar esse saber é claramente percebido. Para ocorrer a efetiva passagem da guarda do segredo e da liderança do Leão Coroado, de Mestre Luiz para Mestre Afonso, o atual escolhido dos orixás, foi testado incansavelmente e diariamente por Luiz de França. De modo geral, o teste repousava acerca das práticas religiosas que uma liderança de maracatu-nação necessita realizar. O teste se referia a observação de Luiz de França em assegurar que Mestre Afonso cumprisse e da maneira a mais correta possível, toda a complexidade do cerimonial em torno das calungas do Leão.

[32] Entrevista realizada em 16 de julho de 2011.

Ouvi de Mestre Afonso várias vezes que Seu Luiz era um homem rigorosíssimo com as coisas do candomblé e com os preceitos sagrados que envolvem um maracatu-nação. Não admitia vacilos e nem erros com as coisas da "seita".[33] No caso específico da cerimônia religiosa onde as calungas são referendadas com uma série de obrigações, - sendo a descrição e visualização dessa cerimônia vedada a grande maioria das pessoas que não comunguem do candomblé e de postos hierárquicos importantes dentro da nação-, destaco que é justamente nessa cerimônia que se encontra o fulcro central do segredo velado nos 148 anos de existência do Leão Coroado.

Mestre Afonso foi sistematicamente observado por Seu Luiz em cada detalhe envolvido para a realização das cerimônias para homenagear os *eguns*[34] dentro do candomblé, o corte dos animais para oferecer aos orixás, o preparo das folhas e o tratamento do couro proveniente do abate dos bodes, enfim, tudo que envolve o universo religioso que compõe um maracatu-nação foi realizado por Mestre Afonso na frente de Seu Luiz. A preocupação maior de Luiz de França era saber se o homem escolhido por ele e pelos orixás estava mesmo pronto para segurar o tombo de liderar uma maracatu como o Leão Coroado, tão carregado de ancestralidade africana e tradição dentro do panorama cultural de Pernambuco. A preocupação maior, contudo se voltava para encontrar o homem que iria guardar, zelar pelas duas maiores preciosidades do Leão: as calungas Dona Izabel e Dona Clara. As calungas, dentro de um maracatu-nação tradicional são a personificação material de toda a ancestralidade africana, de toda falange mística que forma o Leão Coroado e não me intimido em dizer que as calungas personificam a falange mística que compõe todos nós. Hoje, passado o tempo das entrevistas que fomentam esse texto, entendo o motivo de Mestre Afonso sempre reiterar que o Leão é mais religião que festa. É mais tradição que carnaval. Por isso, tanto para seu Luiz como para o atual guardião, cuidar com a própria vida do segredo para realizar o cerimonial em homenagem à Dona Izabel e Dona Clara é onde repousa toda a importância e arrisco a afirmar toda a razão de existir da própria família Leão Coroado.

---

[33] Modo como Seu Luiz se referia ao candomblé.

[34] Ancestrais.

Ainda sobre a sucessão, quando perguntado sobre a dúvida de algumas pessoas do cenário da cultura popular e de alguns estudiosos sobre a veracidade, ou melhor, sobre a legitimidade da sucessão que envolve a passagem de Luiz para ele, dispara feroz como lâmina de punhal:

> É muito fácil, agora, depois de passados os anos desde 1996, quando eu assumi o Leão com apenas um estandarte, umas alfaias velhas e as calungas, ninguém tinha essa vontade toda de ter esse maracatu. Agora, que o maracatu se estruturou, tem uma bolsa do governo do estado de Pernambuco por ser Patrimônio Vivo, de já ter ido para a Europa em turnê; aí todos querem, não é? Mas a todos eu digo: o Leão cabe todo mundo, mas seu zelador, o guardião escolhido por Luiz e pelos orixás fui eu! Qualquer um que duvide pode ir ao Sítio de Pai Adão procurar Manoel Papai, pode procurar Roberto Benjamim. Tenho a consciência tranquila. Luiz confiou a mim o Leão![35]

A afirmativa de Mestre Afonso e a segurança em narrar a sua própria condição enquanto guardião e herdeiro de Seu Luiz são atordoantes. Diante dele, fica difícil duvidar da sua palavra, pois há uma autoridade moral imanente ao seu testemunho. Eu particularmente creio na sua versão e digo isso sem receio, pois o conheço há certo tempo, o que também me credita em engrossar o coro na defesa da sucessão hoje defendida dentro do Maracatu Leão Coroado e que é explicitada na narrativa acima.

No entanto, alguns intelectuais não entendem o encontro de Luiz e Afonso e, sobretudo a passagem da liderança do primeiro para o segundo da mesma forma que defendida por mim aqui nesse texto. No seu trabalho doutoral, o historiador Ivaldo Marciano, expõe de forma diferente as transições dentro do Leão Coroado, principalmente no tocante a entrada e o recebimento do capital cultural da Nação para Luiz de França. Sobretudo a idéia de herança, tão defendida por Afonso Aguiar é problematizada com outro enfoque. Mesmo demasiado longa, a citação é fundamental para entender o ponto de vista defendido pelo referido autor:

> Maracatu fundado por escravos, o primeiro de todos. Mas Luiz de França não era suficientemente claro em relação ao que sabia sobre o passado de seu maracatu. É por isso que se podem entender também alguns dos inúmeros motivos que levaram Luiz de França a silenciar sobre diversos episódios do passado de seu maracatu. Um deles, bastante significativo, diz respeito à presença da rainha Marta, apresentada por alguns de meus entrevistados como Marta Gorda, ou simplesmente Martinha. Nas memórias de Dona Gersi, entrevistada por Ernesto Carvalho, Luiz de França estava chegando ao maracatu, que a época era chefiado pela rainha Martinha:

[35] Entrevista realizada dia 16 de julho de 2011.

> (...) [Ernesto] E seu Luiz já era o presidente? Já era o dono?
> [Gersi] Era. Ele... Essa Martinha conhecia ele de muitos anos, conhecia os pais dele, sabe? (...) conhecia o pai dele, conhecia a família dele. Aí foi o tempo que ela falou com ele, pra ele ficar com o maracatu, ai trouxe de lá, do núcleo de Clóvis Correia, da Vila São Miguel, pra aqui pro córrego, pra onde ele morava, pra Deodato. Pronto, ai fiquemos, tudo saindo no maracatu.
> [Ernesto] Mas a senhora chegou a brincar lá em Afogados?
> [Gersi] cheguei.
> [Ernesto] com essa Martinha?
> [Gersi] Não, mas conhecia ela.
> [Ernesto] Com quem?
> [Gersi]
> Brinquei com Seu Luiz, a gente trouxemos ele de lá para cá. E de lá eu fiquei brincando (...) Lá era uma coisa de vereador né? Um núcleo, um núcleo, não sei chamar. Então o maracatu vivia lá. E essa Martinha tomava conta, depois ela se aborreceu do maracatu (...) eu não sei, falou com Seu Luiz. Que Seu Luiz conhecia os pais dela, o pessoal dele, antigo, ai Seu Luiz ficou com o maracatu. Ela jogou pra Seu Luiz o maracatu. Passou pras costas de Seu Luiz. Seu Luiz trouxe de lá pra cá o maracatu, e nós viemos sair.

Ainda de acordo com Ivaldo Marciano, a transição, a passagem e a própria situação e razão que levaram Luiz de França ao comando do Leão Coroado são, no ponto de vista do referido intelectual, no mínimo obscura. Aqui, separei um outro trecho da tese em questão e mais adiante analiso as falas criando pontes com o discurso de Mestre Afonso e com o meu próprio olhar:

> Antônio Roberto, dirigente e mestre do batuque do Maracatu Elefante ressurgido nos anos 1980, atual mestre e articulador do Maracatu Nação de Luanda, em entrevista concedida no mês de dezembro de 2008, afirmou que ouvira deMadalena a informação de ter Luiz de França comprado o Leão Coroado de Marta Gorda. Pessoalmente, em uma das minhas muitas idas ao terreiro de Madalena,lembro de uma polêmica estabelecida com alguém que visitava seu centro. Ela afirmava em boa voz que Luiz de França escondia muito do seu passado. Com os devidos descontos a serem dados pelo rancor que Madalena guardava de Luiz de França, não nos esqueçamos que eles viveram juntos por muitos anos, não podemos olvidar que Madalena fora rainha do Leão Coroado antes de ingressar no Maracatu Indiano.
> Madalena viveu o processo de transição de Afogados para o Córrego do Cotó por que passou o Leão Coroado. Duas comunidades pobres, com grande concentração de negros e negras, e, portanto, marcadas por estigmas diversos. Infelizmente não posso mais entrevistá-la, mas tenho fortes suspeitas de que Antônio Roberto ouviu de Madalena esta informação de ter Luiz de França comprado o Leão Coroado de Marta Gorda. Antônio Roberto era casado com Rosinete, neta de Madalena, e dirigia o maracatu do qual ela era rainha, aliás, o último em que desfilou antes de morrer em 2000.
>
> Assim sendo, é bem possível que ouvisse muitas histórias do passado, e tivesse aprendido com elas, pois Antônio Roberto também não tinha conhecimento sobre maracatu.

> O Maracatu Indiano, por exemplo, foi vendido pela viúva de Zé Gomes, Senhora Carmelita, para Conterrâneo, maracatuzeiro que integrou outros maracatus, a exemplo do Elefante ressurgido nos anos 1980. Lembro também de vários terreiros que foram objeto de venda, assim como agremiações carnavalescas diversas. Não seria absurdo, portanto, que Luiz de França tivesse comprado o Leão Coroado de Marta.

(Lima: 2010, p. 131, 132, 133).

A citação de Lima reflete as tensões imanentes ao universo do maracatu–nação, das outras agremiações que figuram na cultura pernambucana e as disputas e estratégias que as lideranças usam para garantir ao grupo os benefícios de iniciativas públicas e privadas para manterem-se como tradicionais e legítimas. O que chamo para destaque é o fato de Ivaldo Marciano estranhar tal comportamento, ou melhor, acreditar ser pouco provável que as práticas por ele mesmo apontadas em sua tese não possam ter ocorrido. Se ocorreram de fato, como ele confirma, ou melhor, como ele suspeita mas sem deixar espaço para muita dúvida, - o que no meu entender chega a ser leviano,- que mal há nessas práticas? Afinal, todos nós forjamos nossos itinerários de vida, por meio da elaboração contínua de estratégias e táticas, (De Certeau, 1996).

Do mesmo modo o fazer dos homens da tradição. Por que essa exigência em solicitar que Luiz de França conte toda a sua história, por que a exigência desse desocultamento total e irrestrito da própria vida. Se França de fato comprou ou recebeu de Marta o maracatu e não falava isso de forma aberta, em nada inviabiliza, no meu entender, a sua importância. Mesmo que tenha comprado, o fato a destacar é que o elo maior sempre foi mantido: França tinha ligação direta com o Leão, pois os seus parentes fizeram parte da fundação do maracatu, fato que ninguém duvida. Assim, se por algum período, Seu Luiz não pôde ou não quis assumir a liderança direta, não significa necessariamente que o mesmo não estivesse assistindo ao maracatu, que segundo o depoimento de Afonso, era a própria razão de sua vida.

A vida não é um esquema de filme acabado e pronto, é repleta de imprevistos, bifurcações e imponderáveis. A vida de Luiz também! Não aceito como categoria de acusação, ou como motivo de duvidar da sinceridade de Seu Luiz os motivos que o levaram a não expor de forma ampla essa parte de sua vida, até porque não contamos tudo para ninguém, nem para nós mesmos, como alerta sabiamente Nélida Piñon em entrevista concedida ao Programa Roda Viva em 1997.

De acordo com Ivaldo Marciano Lima, Luiz de França também não deixava claro outro ponto importante da sua vida:

> ... retomo mais uma vez ao episódio a respeito da forma como Luiz de França ingressou no "mundo dos maracatus". Outras memórias vieram à tona em entrevistas com antigos maracatuzeiros que viveram a transição entre Marta e Luiz de França.Nido do Caminhão, um velho batuqueiro de maracatu com 67 anos de idade e que reside atualmente na Avenida Chagas Ferreira, em Linha do Tiro, tem boas lembranças desses anos longínquos, e afirma com convicção que Luiz de França não era mestre de apito e sequer sabia tocar os instrumentos. Ernesto Carvalho,entrevistando este mesmo maracatuzeiro, obteve as informações de que o Leão Coroado tinha o seu batuque conduzido primeiro por um senhor de nome Luiz do Boi....e que apontam para a desconstrução de um mito chamado Luiz de França, o mestre e "guardião" da tradição do maracatu.
>
> (Lima: 2010, p. 136,).

Gostaria de frisar o uso das aspas, sobretudo na palavra guardião, que no meu entender expressam uma crítica à ideia predominante que se tem dentro da tradição em cultura popular pernambucana: que Seu Luiz era um indivíduo especial e importante. Era sim, um detentor de saber relevante apreendido no cotidiano, especialmente o saber de cunho religioso, com o qual o mesmo tinha uma enorme preocupação em manter e cuidar. Porém o fato de ser guardião não retirava dele a condição de cidadão, que lutava por seus direitos e do seu maracatu, o grande articulador político, o homem de ótima retórica, o direito de só falar o que queria e lhe era conveniente e proveitoso. Fazemos isso todos os dias em nossos trabalhos, nas pesquisas, nas seleções de projetos, no âmbito familiar.

Da mesma forma, que Luiz não explicitava nas suas entrevistas a possibilidade de ter de fato comprado ou recebido de Marta o Leão Coroado, a maneira e a pessoa que o tenha iniciado nos assuntos mais ligados ao próprio cortejo do maracatu–nação por ele encabeçado por cerca de cinquenta anos não o diminui em nada. É irônico supor termos a obrigação de nomear a todos e todas que nos formaram ou nos ajudaram a constituir o nosso repertório de saber. Quantas pessoas não nomeamos ou esquecemos de agradecer durante a vida. Mas quando o protagonista é da cultura da tradição isso é impensável, há uma espécie de direito tácito que nos autoriza a perguntar e saber tudo desse Outro. Penso justamente o contrário! Efetivamente há um limite para toda pesquisa e esse limite repousa acima de tudo no direito que o interlocutor possui de falar o que lhe é conveniente, não cabendo ao pesquisador criar uma carga valorativa e especulativa acerca do que foi dito e do que foi sonegado. Segredado!

Reitero ainda a necessidade de pensar a fala do trecho da tese citado sob uma ótica mais ampla, levando em consideração a fala do próprio Mestre Afonso, que em momento algum, na totalidade do trabalho, é mencionado. Aliás, é mencionado sim, indiretamente, sem ter sua voz ecoada, quando é chamado de articulador do Leão Coroado. A palavra articulador é tão emblemática no caso desse texto que o conceito de guardião surge no texto com aspas, como se o guardião não existisse. Como se nunca tivesse existido.

Contudo compreendo, que todos os grupos humanos estão imersos em um campo de forças que tensiona constantemente as relações. Comungo com Marilena Chaui, (1999), quando a mesma defende a idéia de que é necessário implodir essa tendência de pensar a sociedade como boa ou má. Para Chauí, ancorada em Espinosa, a sociedade é o que é. E é o que é, devido aos campos de forças que são imanentes à mesma. Componentes desse campo de forças imaginárias, mas com altos graus de realidades, pois as disputas de fato existem empiricamente; o atual guardião do Leão Coroado e o próprio Luiz de França, no meu entender também não estão e nem estavam livres desses enfrentamentos.

Mesmo não negando a faceta de articulador do atual líder do Leão Coroado, Ivaldo Lima, ao meu ver, encastela a trajetória humana em prismas míopes, míopes no sentido de tratar os dados e os testemunhos em limites estreitos. Outra limitação presente no trabalho, no meu entender, e digo isso muito à vontade, por também ser Historiador, é a opção na sacralização dos dados históricos, notadamente os documentais, menosprezando a história das mentalidades, como se a história não fosse feitas por homens, portanto também subjetiva e nunca imparcial.

A partir disso ressalto que Luiz de França era um grande articulador, sim! Um homem inteligentíssimo, que sabia exatamente se valer do seu discurso, que mal há nisso? Mestre Afonso, do mesmo modo. Porém isso não retira deles a condição de guardiões da tradição e dos segredos centenários da nação que encabeçam. Porque "ser guardião, não tira deles o homem"[36], da mesma maneira que posso ser um professor, um intelectual e vivenciar o meu trajeto místico. Um não invalida o outro, um não implode o outro. Somos "um cortejo de eus" [37]. Quanto à acusação de Ivaldo Lima no tocante

[36] Entrevista realizada com Carmem Lélis em 2009.

[37] Sessão de orientação com Aparecida Nogueira, em junho de 2011.

aos supostos sigilos guardados por Luiz de França sobre a sua vida e seus momentos dentro do Leão, ressalto “que nunca dizemos tudo de nós mesmos nem dos outros, é necessário ter elegância moral!” (Piñon, 1997), sendo previsto o silêncio em alguns momentos para assegurar essa elegância salientada por Nélida Piñon. Todos temos os nossos segredos, pequenos enigmas que juntos configuram parábolas não decifráveis.

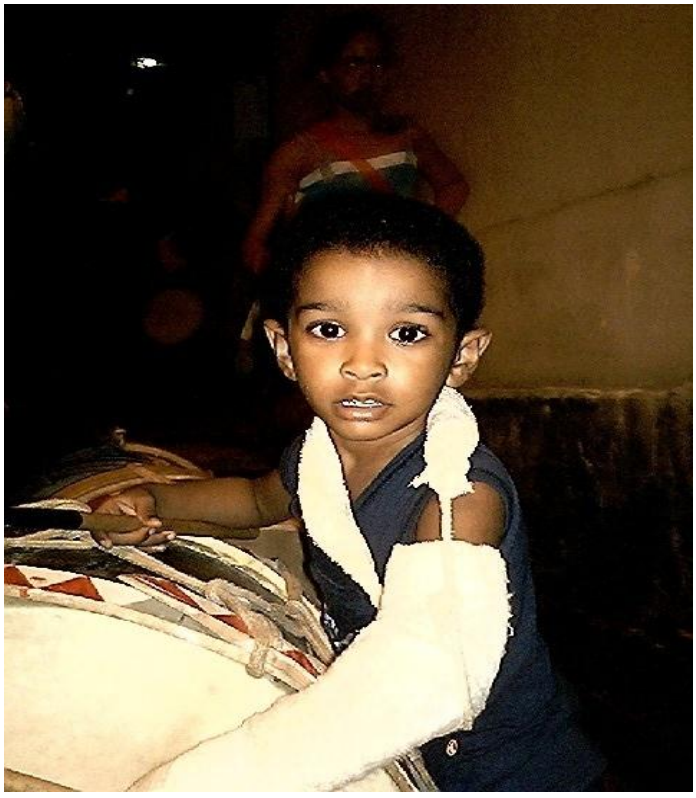


Imagem 14 Cauã, futuro guardião?
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2006.

Desse modo, tendo todo o texto acima como pressuposto, me inclino pessoalmente, tendo “as contradições como apostas” (Morin, 2010), a crer na versão defendida e guardada por Mestre Afonso, torcendo que o mesmo tenha uma vida longa e que quando seja anunciado, pelos campos de força do mundo contemporâneo e pelas ordens dos orixás um novo líder seja forjado, que mantenha a tradição do grupo, porém entendendo que a mesma se atualiza e que, justamente por isso, pede o delineamento de um outro guardião, diferentes de Luiz de França e do próprio Afonso Aguiar, porém, do mesmo modo que os dois guardiões citados, talhados pelas mãos dos orixás para uma vida significativa e admiravelmente importante. Vidas que engrandecem a humanidade,

nos levando a acreditar que o mundo da fraternidade e da dedicação a um sonho, a uma utopia ainda é possível e localizável. Mestre Afonso, hoje, materializa essa utopia!.

Imagem 15 Sede do Leão Coroado. De Camisa vermelha, Afonsinho e no colo de mestre Afonso, Cauã. Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

A entrevista que deu como lembrança a foto acima, também possibilitou o seguinte registro acerca do futuro do Leão Coroado e da sucessão de liderança e por consequência do desocultamento do segredo que hoje é velado:

Imagem 16 Afonsinho, em segundo plano. Possível sucessor do Leão Coroado?
Fonte: Luciano Borges. Recife, 2006.

> Ainda não apareceu no jogo dos búzios alguém para me substituir, apesar disso me preocupar muito! Preciso preparar alguém para tomar o meu lugar. Meu desejo é que fosse Afonsinho ou Cauã... Esse é meu desejo! Mas isso, eu deixo para os orixás decidirem.

A preocupação de Mestre Afonso fica mais uma vez evidenciada no meu encontro realizado em janeiro de 2012, talvez o último encontro antes da escrita final dessas linhas. Fui ao encontro do guardião, pois como já mencionei aqui, todos os passos deste trabalho foram também acompanhados pelo escolhido do Leão Coroado. Cheguei pela manhã e como sempre sou muito bem recebido e confesso que hoje, sinto no ar uma saudade, sinto que quando chego, não carrego o peso de um pesquisador, de um entrevistador. Sinto que hoje o que ocorre é um encontro de amigos! Tanto é, que ao terminar a entrevista o guardião me diz em tom amigável e sorridente “as portas estão

sempre abertas para você!". Esse presente irei agradecer para sempre a Antropologia, a UFPE, a vida, que juntas me possibilitaram construir, a partir de um encontro, uma relação tão especial e afetuosa.

A partir dessa intimidade hoje vivenciada, Mestre Afonso me confessa as suas próprias angústias e preocupações com o futuro do Leão, pois o tempo galopa rapidamente, envelhecemos e "precisamos conseguir um substituto"[38]. Contudo, do mesmo modo que um dia Roberto Benjamim procurou por Afonso e viu nele junto com Luiz de França uma pessoa especial, hoje a busca do guardião também não é por um homem qualquer. Não é por um batuqueiro, pois no Leão existem vários, alguns brilhantes músicos, inclusive. A busca é por um homem que segure o tombo e o peso das obrigações religiosas, onde repousa toda a cerimônia em homenagem à calunga e também toda a espiritualidade da nação. Para a minha enorme surpresa, ao contrário do que tinha constatado há um mês, na entrevista do dia 04 de janeiro deste ano, Mestre Afonso, também enxerga em Josinaldo, um rapaz de 22 anos e que desde criança participa do Leão Coroado, uma possibilidade de liderança futura. Lembro de Josinaldo, que no meio do batuque se destaca por seu porte e talento para com as alfaias. Preto, como é chamado por todos do Leão, cresceu "na barra da minha saia", afirma Dona Janete, esposa de Afonso há 39 anos. Mediante a minha curiosidade, pergunto a Afonso o que o leva a pensar que Preto pode ser o futuro guardião do Leão.

[38] Entrevista de campo realizada em 04 de janeiro de 2012.

Imagem 17 Josinaldo, conhecido como Preto por todos da família Leão Coroado.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Mestre Afonso afirma em tom um pouco triste, que apesar de Afonsinho, seu neto e filho, ser um excelente músico, um homem que nasceu para o batuque, não anda na linha do orixá, anda muito namorador e pouco tem participado das obrigações e cerimônias do calendário do candomblé. Esse afastamento de Afonsinho, segundo Mestre Afonso além de entristecê-lo e preocupá-lo acerca do futuro do Leão, também pode ser o indício de que não seja ele o escolhido. Confesso que também, como Mestre Afonso, me entristeço, pois vi Afonsinho pequeno e sempre pensei que seria ele o herdeiro de Seu Luiz e do atual guardião. Porém a vida é brincalhona e imprevisível. Nos arma peças.

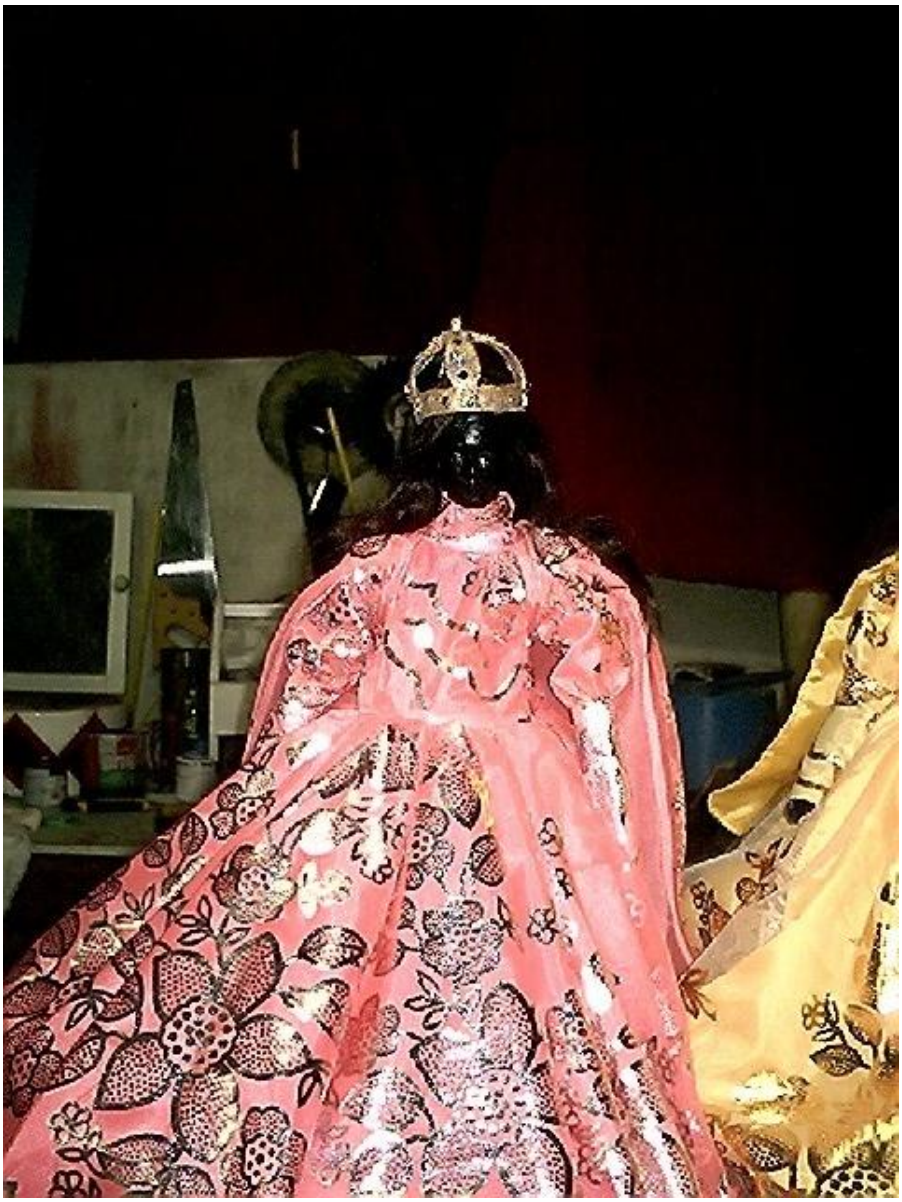
Ao contrário de Afonsinho, me diz o guardião, Preto é muito dedicado ao corpo percussivo, à organização do grupo e principalmente é dedicado aos orixás. Cauã também! Vejo em Cauã, na sua participação nas festas do terreiro, nos primeiros passos

para tratar os animais para o sacrifício, na sua vontade de aprender, vejo nele, eu quando era menino, finaliza Mestre Afonso de forma emocionada. Percebo com esse testemunho, além de uma preocupação legítima com o futuro do Leão Coroado, o próprio dinamismo da vida, das manifestações da tradição em cultura popular, dos tempos contemporâneos. Confesso, que tinha como dado o futuro guardião do Leão. Apostava que seria Afonsinho, o próximo a guardar o tesouro maior da nação. Hoje, considero essa aposta em meio a um turbilhão de incertezas. Portanto, na atualidade lanço a seguinte pergunta aos orixás, ao mundo, à vida: Quem será o futuro guardião do Maracatu Leão Coroado? Quem será o próximo homem a velar o segredo centenário da nação? Afonsinho? Cauã? Preto? O tempo dirá! Quando o tempo estiver maduro, que de forma geral, é sempre o mais apropriado, um novo guardião irá surgir para assegurar a manutenção do Maracatu Nação do Leão Coroado, pelos próximos cem anos e mais. Me agasalho hoje nessa esperança e desejo.

CAPÍTULO III

Do segredo guardado, dos saberes e fazeres do guardião do Leão Coroado.

Imagem 18 Calunga Dona Clara.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2006.



[39]

Imagem 19 Calunga Dona Isabel.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2006.

Todas as relações das pessoas repousam sobre a pré-condição de que elas sabem alguma coisa umas sobre as outras (Simmel, 2007). Em toda relação há sempre interditos. Todos, sem exceção, temos segredos, particularidades, fatos vividos que não contamos a ninguém, só a nossa própria existência e vivência são as testemunhas.

[39] A calunga Dona Isabel é uma relíquia, pois segundo a tradição, ou para invocar Lévi-Strauss, a matéria mítica que enfronha o grupo, essa calunga é da fundação do maracatu, ou seja, de 1863. É na calunga que repousa todo o segredo de um maracatu-nação. A calunga é a parte mais importante do cortejo e da nação, é um portal entre os vivos e os mortos, os ancestrais africanos, e de toda a humanidade, por isso o destaque dado a ela.

O segredo é desse modo, um tônico para a vida, por permitir à existência e ao sujeito o direito de escolher o que pode e o que não pode se desvelado. Esse desvelamento, ou melhor, o limite dessa desvelação do que é guardado, muitas vezes, causa sérios problemas ao trabalho do pesquisador. Em algumas ocasiões, pode gerar um extremo desconforto entre pesquisador e interlocutor, pois o limite que separa os objetivos de entender, interpretar e compreender a cultura do outro, na contemporaneidade está a uma esquina. Contudo é necessário entender o Outro como um Eu metamorfoseado, para que o encontro seja mais denso e acima de tudo lubrificado com o óleo da sinceridade, respeito e ética.

A pesquisa não pode ser feita na rubrica do "a qualquer preço", há um limite, especialmente se tratando de uma pesquisa como esta, que traz à tona aspectos delicados e de cunho extremamente íntimos das vivências, saberes e fazeres, forjados em outros códigos de transmissão. Pois segundo Mestre Afonso, a cultura e o saber do candomblé e do maracatu-nação necessitam da oralidade para ser transmitido, "não há livro que caiba a nossa tradição".[40] Por conta disso, entendo que é fundamental uma abordagem diferenciada para escavar os dados empíricos do trabalho de Mestre Afonso, registrados aqui por mim.

Para ilustrar a minha preocupação, cito um fato ocorrido durante a escrita e reflexão desse texto. Recentemente, foi lançado um documentário, do mestre em Música, Climério de Oliveira Santos[41], sobre maracatu-nação. Quando assistí, fui tomado por espanto e indignação ao ver filmado o ritual para a calunga do maracatu Porto Rico, hoje liderado por Elda e Chacon[42]. Imediatamente liguei para Mestre Afonso, para dividir com ele a minha angústia, pois sempre ouvi inclusive dele próprio, que o referido ritual, jamais poderia ser registrado dessa forma. "É o que querem, não é? Aparecer e acham que assim estão se fortalecendo... estão é insultando os orixás, sobretudo Iansã, que é quem comanda essa cerimônia, e para quem ofertamos os sacrifícios, pedindo a sua proteção para o carnaval", me diz em tom de desabafo![43]

---

[40] Entrevista de campo realizada em janeiro de 2012.

[41] O referido projeto foi financiado pela FUNDARPE através do FUNCULTURA (programa de fomento à cultura, do governo do estado de Pernambuco).

[42] Atuais lideranças do Maracatu Porto Rico, sediado no Pina, Recife. Elda Viana ocupa o posto de rainha e *Yalorixá* da nação e Chacon Viana, cuida da parte percussiva do grupo.

Essa situação reflete bem o limite tênue que separa o mundo da ética, do intuito de realizar um trabalho a qualquer custo. Notadamente, na Antropologia, em que o objeto pode ser um grupo humano, - um eu metamorfoseado -, parece ser esse limite algo importantíssimo a ser ponderado. A respeito do impasse, entre realizar a pesquisa e o desvelamento de alguns segredos, especialmente no campo religioso afro, afirma José Jorge de Carvalho:

> "... todos os estudiosos dos cultos afro-brasileiros tradicionais (candomblés, xangôs, tambores de mina, etc.) já se depararam, e ainda, se deparam, com a barreira do segredo, daquilo que não se penetra sem iniciação ou sem um longo período de intimidade e de confiança mútua com o grupo que se estuda. Às vezes, uma pequena informação, um pequeno detalhe ritual não é revelado ao neófito por sua mãe ou pai de santo senão depois de anos de convívio e de prova. Apesar de que as relações não sejam hoje, possivelmente, tão fechadas e ortodoxas como há meio século atrás, a força do segredo e da confiança ainda existe, tanto para as pessoas de fora (como os estudiosos) quanto para os próprios membros. O segredo, como estes mesmos dizem, dá força à pessoa.
>
> Consequentemente, a cada vez que uma informação factual é revelada, ou um detalhe do ritual é explicado, ou a participação em um certo evento é permitida ao estudioso, uma parte do sistema inteiro do culto, como repositário de um conhecimento iniciático e privilegiado, é posta à prova, pois fica aberto à discreção do estudioso o que revelar em seus escritos do que lhe foi dito ou do que pôde observar com seus próprios olhos. Minha pesquisa dos xangôs[44] tradicionais do Recife colocou-me na situação de saber sobre o culto o que poucos não – membros sabem e estou ainda a meio caminho de solucionar, para mim mesmo e para os meus próprios informantes, que parcela publicar.
>
> (Carvalho: 1984, p. 214, grifo meu)

De fato, depois de ter acesso a conteúdos restritos, interditos, secretos de um grupo, o conjunto guardado de informações corre o risco de ser trazido à lume de forma inescrupulosa. Esse risco existe, desde quando a Antropologia se firmou enquanto ciência no século XIX, quando o outro procurado no além–mar, ainda tinha pouca voz para estabelecer relações mais pertinentes de negociação acerca do material recolhido em forma de entrevistas, fotos, convivências repartidas, vidas diluídas com pessoas estranhas.

---

[43] Diálogo realizado por telefone em 22 de agosto de 2011.

[44] Segundo Zuleica Dantas, professora da UNICAP, o termo candomblé impera em todos os terreiros atualmente, informação constatada em seu trabalho pós-doutoral. Assim, não vejo sentido em insistir em chamar o candomblé aqui de Pernambuco de xangô. No meu juízo, só reforça ainda mais o preconceito histórico que as religiões sofreram e sofrem e cristaliza a imagem do xangozeiro e do macumbeiro como imagem exótica, pitoresca, uma alteridade totalmente radical.

Definitivamente, como nada permanece imóvel na esteira da história, no cenário da Antropologia praticada na contemporaneidade, não há mais espaço para acreditar na existência de algum interlocutor nos moldes encontrados nos registros de etnografias clássicas. Por isso, além de não aceitar o termo xangô usado por Carvalho, não percebo Mestre Afonso, nem qualquer outro membro do Maracatu Leão Coroado, como meu informante. Como supor que o outro está ao dispor do pesquisador para fornecer informações?

Entendo que uma pesquisa deva ser pautada numa relação de parceria que pode e deve ser buscada no campo etnográfico. Pois são esses parceiros que nos auxiliam, geralmente, de forma muito gentil, a construir os nossos trabalhos. Dispomos do tempo das pessoas em nome das nossas pesquisas. Assim, considero um ultraje à dignidade humana pensar o contrário! Não perceber nos nossos interlocutores, grandes parceiros.

Assim no meu entender, não se trata de ter acesso ao segredo ou segredos das religiões afro ou no caso dessa pesquisa, o segredo da cerimônia da calunga, mas vislumbrar e compreender como esse segredo fundamenta o trajeto do Leão, como o segredo guardado e atualizado diariamente, a cada ritual realizado e dirigido por Mestre Afonso, alicerça criando lastros para que o brinquedo prossiga. Por isso, nunca tive a pretensão nem o desejo de presenciar a cerimônia citada, considero esse tipo de curiosidade, danosa para a pesquisa antropológica, não temos o direito de desvendar o outro desta maneira.

Desde a minha inserção no campo e encontro com Mestre Afonso, o meu objetivo foi procurar compreender os meios e técnicas necessários para realizar as práticas componentes de seu trabalho, do que necessariamente saber qual era o segredo em si mesmo e muito menos procurar testemunhar algo interdito. Desfrutar espaços dentro do candomblé, e no caso do maracatu-nação, as homenagens à calunga – o ritual que mais aproxima a nação nagô e o Leão Coroado – requer um preparo especial. Nesse sentido fui também um escolhido, como intelectual que sou, para escrever essas linhas e trabalhar e alçar um voo, para que outros pesquisadores tenham acesso a uma parte da vida do guardião do Maracatu Leão Coroado. Acredito que o meu espaço se restrinja a isso, o que já é uma missão enorme! Não há dúvidas.

O trabalho de Afonso que tem como grande especificidade não separar natureza e cultura, de não separar o itinerário de vida que o candomblé impõe e toda a sua prática cotidiana. Como exemplo dessa não fragmentação, ou seja, da sutura da natureza e cultura no dia-a-dia de Mestre Afonso, elegi o testemunho registrado em um dos inúmeros encontros realizados:

> Certo dia, veio ao meu encontro, em busca da minha ajuda um rapaz com as mãos e os pés todos feridos. Era um aspecto muito feio e as feridas exalavam um odor de podre e sangrava junto com pus. A situação era digna de dó. O atendi, ouvi toda a história e joguei os búzios para ele, pois o jogo dos búzios é o portal para ouvir o recado dos orixás. É fundamental jogar os búzios para saber o *odum*[45] da pessoa. O *odum* daquele exato momento. A situação era difícil... e o curioso era o fato de serem as mãos e os pés afetados... e esse rapaz era costureiro, ou seja, por conta da enfermidade, estava com a vida profissional parada. Parecia um castigo.[46]

Quando Mestre Afonso me relatou esse fato, visualizei em sua prática, uma forma complexa de viver, de guiar a vida. Na escuta ao rapaz, o guardião não delimita o que venha a ser espiritual, o que venha a ser físico, há um pensamento que busca o total da condição humana. Essa totalidade está implícita ao trabalho do Escolhido. Em continuação a esse testemunho acima elencado, o guardião me conta que meses depois de ficar bom, com o chá receitado à base de uma erva específica, o mesmo rapaz, voltou com o mesmo problema alegando que tinha ficado curado e que depois o problema tinha voltado. Ele por conta própria fez o chá e usou nos ferimentos. Ocorre que a melhora não veio como o esperado, muito pelo contrário. As feridas exalavam um odor cada vez mais forte e apresentava um aspecto a cada dia mais assustador.

Mestre Afonso me explica que esse erro não deve jamais cometido. Ou seja, o de usar uma receita que foi indicada pelos orixás para um determinado problema mais de uma vez. Mesmo que seja o mesmo infortúnio, o momento, o *odum* da pessoa muda. "Você pode chegar aqui com outra pessoa, terem as mesmas aflições, serem do mesmo orixá e saírem daqui com diferentes soluções para as angústias, não existe receita padronizada!", arremata o guardião com a autoridade e segurança de quem sabe o que está falando. Destaco também a precisão na técnica em receitar banhos, infusões, na busca de curar as coisas da alma e do corpo. Fica muito evidente que a receita de um banho de limpeza, por exemplo, não é indicado de forma desordenada. Ao contrário. O banho em si, apenas descortina o véu de uma técnica de trabalho que começa na escuta

[45] Em linhas gerais, significa os presságios do passado ou do presente e que juntos podem alterar o futuro.

[46] Entrevista realizada em janeiro de 2012.

do problema, na oitiva dos orixás, na indicação das ervas mais apropriadas, nos resguardos necessários para o sucesso na resolução do problema. Nesse processo todo, onde começa e termina a cultura, onde começa a natureza, não importa. Esse tipo de inquietação não permeia o trabalho de Mestre Afonso.

O trabalho de Mestre Afonso, as suas práticas e saberes são constituídos nos moldes de uma vida complexa, empiricamente e racionalmente tecida na contradição. "Não temos nada registrado em papel, não daria conta de registrar tudo, nossa tradição é muito grande e dinâmica, não cabe em manuais. Todo o nosso aprendizado, o meu e o do próximo líder do Leão se dá pela oralidade." [47]

O depoimento acima elencado, por si só questiona o conhecimento forjado na educação formal, nas leis, nos códigos jurídicos e etc. da sociedade letrada ocidental, institucionalizada. A sabedoria acumulada pelo guardião da tradição é forjada em outros parâmetros. O conhecimento hoje encerrado por Mestre Afonso é fruto do acúmulo ininterrupto de uma vida toda dedicada aos preceitos do candomblé de matriz nagô e desde 1996, como guardião da tradição centenária do Maracatu Leão Coroado. Mestre Afonso, sempre menciona o seu pai, como grande mentor religioso, grande guia para as coisas da religião. Refere-se ao pai, também Afonso, como um grande babalorixá, homem de fé e postura rígidas quando o assunto era a devoção e a obrigação para com os orixás. "Tudo que sei hoje, aprendi observando desde pequeno os procedimentos de meu pai, aprendi tudo com ele e hoje aprendo a cada situação nova. Nunca sabemos de tudo"[48]. Contudo, mesmo vivendo em meio ao conhecimento formulado na vida vivida, na experiência constante, numa espécie de pedagogia da vida, muito semelhante ao conhecimento acumulado pelos almanaqueiros sertanejos (Nogueira, 2008); mesmo assim, não se nega e nem desprestigia a educação formal, de jeito algum. Pelo contrário, o comportamento de Mestre Afonso, seu ofício, são uma prova de que a educação formal e o conhecimento científico ao dialogar com pessoas com o repertório de saberes do guardião, "se enriquece com o conhecimento tradicional, da vida vivida, da

[47] Entrevista concedida em 16 de julho de 2011.

[48] Entrevista concedida em 16 de julho de 2011.

pedagogia edificada do cotidiano".[49] Sobre a importância do guardião para a tradição, afirma Marilena Chauí,

> A função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que diria Espinosa, "não merece o nome de cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie", a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.
>
> Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor pisotear a tradição dos vencidos.
>
> (Chauí APUD Bosi: 2006, p. 18,19)

Coadunando com as palavras de Chauí, acredito que o guardar e o papel desempenhado pelo guardião precisam e devem ser melhor trabalhados, talvez a antropologia tenha por obrigação realizá-lo. Pesquisa que tem a memória como uma das fontes de construção são uma alternativa para referendar o valor social do velho, sobretudo no mundo atual capitalista, onde tudo é tão fugidio e volátil. Vidas como a de Mestre Afonso necessitam de registro, necessitam serem ouvidas, pois efetivamente têm muito a contribuir para um possível superação do que está posto. E como alerta Chauí (1989), o que está posto não é o melhor, ao contrário. Vivemos um mundo opressivo e utilitarista, onde ao passo que a força de trabalho se esgota, esvai-se junto com essa mesma força, a própria utilidade no mundo do cidadão. Talvez, a cultura da tradição tenha mais esse papel de destaque dentro do panorama sócio-político atual: assegurar um lugar de destaque, respeito e utilidade para os mais velhos. Pois são eles, os mais velhos, os guardiões, os responsáveis pela seiva que nutre a maioria das manifestações da tradição em Pernambuco e pelo mundo afora. Faz-se necessário urgentemente referendar outras formas de guardar, outros guardiões, outros segredos, outros itinerários de vida. A esse respeito nos alerta Balandier,

> O segredo ocupa todos os lugares do espaço social, desde o que encerra a vida privada até os que enfrentam os atores econômicos, e também aqueles onde os poderes se rivalizam na busca da supremacia e das formas de impor seus pontos de vista e de sua ordem. É o segredo que atribui à tradição antigas funções, sua capacidade de proteger a arte, o saber e a habilidade. A tradição mantém e

[49] Sic. Em sessão de orientação com Aparecida Nogueira, orientadora desta pesquisa.

> transmite procedimentos técnicos e seus instrumentos; vai além ao associa-los a sistemas simbólicos, mitos, mistérios e ritualizações pelos quais os artesãos compõem uma determinada sociedade no interior da grande sociedade. A tradição não se dissocia daquilo que lhe é contrário. Governa os indivíduos e a coletividade, mas só alguns a conhecem inteiramente. Na superfície do conhecimento banal – aquele que as práticas utilizam – encontra-se o conhecimento profundo, que só um pequeno grupo detém e que transmite por meio de um lento procedimento iniciático. A tradição é ao mesmo tempo exotérica e esotérica,vulgarizada em graus variáveis segundo condições sociais e, em sua totalidade, reservada apenas à guarda dos sábios.

(Balandier: 1997, p. 94,95).

A maioria dos trabalhos sobre maracatu-nação, ao menos aos que tive contato e informação da existência, nunca se detiveram sobre o papel e importância do guardião da tradição. No meu juízo, esses trabalhos ficaram na camada exotérica da tradição, no cunho mais público e midiático. No meu caso, busquei o que Balandier chama de plano esotérico, o que denomino de conhecimento silenciado, adormecido e agasalhado no tempo de uma espera. A espera de que esse mesmo tempo seja desencantado, e o segredo hoje calado possa ser compartilhado. Por isso, o guardião da tradição além se ser um velho, ao menos nas manifestações de Pernambuco que tenho conhecimento, são igualmente sábios. A idade geralmente nos traz sabedoria. Faz acumular experiência, acalentar repertórios, que dentro do Maracatu Leão Coroado, por exemplo, são fundamentais, especialmente nos momentos de conflitos, decisões importantes, no trabalho de liderança em si. Também cabe ao guardião, a partir desse acúmulo de memórias, desse guardar constante, a manutenção da sua memória individual como da do maracatu-nação que atualmente comanda. Em consonância com as ideias de Balandier, Mestre Afonso também ressalta a importância da oralidade na construção e acumulação e transmissão das práticas que hoje ele encerra; o que se percebe de forma tácita é o valor incomensurável da memória individual e coletiva:

> A maioria dos grupos sociais não consegue referir-se a si mesmos, tampouco existir em sociedade, senão através de representações de sua própria unidade e continuidade, por meio de um passado comum elaborado tanto pela ajuda da memória individual como coletiva.

(Motta: 2008, p.25).

A espécie humana, enquanto espécie viva e biológica está presa a uma memória coletiva, a memória da própria espécie da qual compactuamos. Simultânea a essa memória, existe o espaço para a memória individual, mais íntima, de filtros mais particulares, filtros esses que nos permitem inclusive viver melhor, pois armazenar todas as informações e vivências é impossível. Não temos aparato cerebral para guardar todas as lembranças, até por que "nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia-a-dia". (Zunthor, 1997), por isso esquecemos alguns eventos vividos para continuarmos a existir, de preferência felizes, saudáveis, produtivos. "Temos vocação para a grandeza" (Piñon, 1997).

Também Ecléa Bosi reitera a força da oralidade no mundo contemporâneo, em seu livro Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. Essa obra é uma prova material que é possível realizar ciência de forma poética, num texto suave e ao mesmo tempo profundo:

> Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de visita, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. Recolhi aquela evocação em disciplina, que chamei de memória-trabalho.
>
> (Bosi: 1994, p.37).

Na fala de Bosi, destaco o seu chamamento para as características que a memória pode ter: *status* e função de trabalho. Esse é um grande ponto de virada, ao ver nas pessoas velhas, um legítimo cadinho de lembranças significativas, que em alguns casos, podem reconstruir fatos históricos, histórias de grupos tradicionais, caso do guardião do Leão Coroado. Bosi destaca que a história material e oficial também é uma versão, uma grande narrativa. Dos erros que a memória pode engendrar, nenhuma construção de conhecimento está livre. Feita por humanos, que tem como parte constituinte a possibilidade de errar, desde as ciências que utilizam os mais confiáveis suportes de precisão até o trabalho realizado pela memória, que para alguns não passa de um reservatório psicoafetivo sem importância, a chance de erro existe. Mora lá. A memória está presente em todos os humanos; sobretudo para os grupos populares da

tradição, é uma chave, o fulcro onde a grande maioria das relações são estabelecidas e perpetuadas.

Executado notadamente pela memória, o trabalho de Mestre Afonso, é guardado e atualizado na feitura do mesmo, no cotidiano, a cada fala dita, em cada encontro que realiza com as mais diversas pessoas que o procuram, em cada ensinamento lentamente dividido entre os membros mais jovens do maracatu. O trabalho do guardião compreende uma série de atividades diárias: manejo de plantas medicinais, jogo de búzios, fabricação de alfaias, coordenação e execução de todos os instrumentos do corpo percussivo, escolha de todos os tecidos para as fantasias do maracatu-nação, fabricação de alfaias, condução de todo o cerimonial do candomblé que lidera e especialmente, o guardião é o grande responsável pela realização da cerimônia em homenagem às calungas. Entre as atribuições diárias do guardião, o que configura como uma das grandes especificidades do trabalho de Afonso, repousa a sua capacidade de narrar, narrar o trajeto do Leão Coroado e do seu próprio, hoje uma amálgama de histórias. A vida de Afonso desmente de alguma forma, a visão pessimista de Walter Benjamim (1994) que afirmara que a arte de narrar estava em vias de extinção. Para a nossa felicidade, vemos um crescimento constante de contadores de histórias, de fábulas, de épicos, pois: "A narrativa é uma das artes mais complexas que o homem concebeu, se o homem no futuro expulsar a narrativa, ele expulsa a sua própria vida de um centro vital". (Piñon, 1997).

Imagem 20 Mestre Afonso exercendo o seu trabalho de narrador. Ao lado, a calunga Isabel, ponto maior do maracatu-nação, motivo de todo o segredo guardado e velado.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2006.

E de fato, a morte da narrativa, para um grupo como o Leão Coroado, é a implosão do mesmo. Não existe guardião sem o domínio da técnica de narrar, pois, há uma técnica para tal, não é simplesmente sair contando histórias aleatórias, há um enredo, pausas na voz, dramaticidades que dão brilho ao falar, dão fôlego à sequência tecida. Acima de tudo, no caso particular do exercício do trabalho escolhido, há uma utilidade na história narrada:

> A natureza da verdadeira narrativa tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade seja numa dimensão moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis.
>
> (Benjamin: 1996, p.200).

A utilidade da narrativa apontada por Benjamim, além de fundamental na escuta e fala em si mesma, tem destaque; por meio da mesma o trabalho do guardião é desdobrado. Ao ensinar a fabricação de uma alfaia, por exemplo, a narrativa, o conhecimento acumulado, o saber/fazer burilado emerge na tarefa cumprida, no trabalho realizado. Humanos que somos, produzimos cultura e técnica; por meio da técnica viabilizamos a vida no mundo, não temos asas e voamos, não temos brânquias e nadamos, cozinhamos e potencializamos o sabor dos alimentos, somos:

> *Sapiens e faber*, sabendo que acrescentaremos *demens*, *ludens*, *mythologicus*. Assim, há no humano (este termo, lembro, diz respeito, ao ser ao mesmo tempo individual, social e biológico) um formidável potencial de racionalidade e um formidável potencial de desenvolvimento técnico, que se atualizarão ao longo da história, tendo se acelerado e amplificado nestes últimos séculos. Desde as suas origens, a técnica procurou remediar as carências humanas. O ser humano dispõe de mãos hábeis, mas fracas em pressão e batida. Corre mas baixa a velocidade. Não sabe voar. É também a técnica que realizará artificialmente as ambições e sonhos dele.
>
> (Morin: 2007, p.41).

Tenho um enorme apego à observação de Morin acerca do papel da técnica no tocante à realização de sonhos, a técnica como veículo da personificação e formatação de abstrações, de imaginários, que processados pelo crivo da razão, ganham corpo e materialidade. No Leão Coroado, as alfaias, as roupas coloridas e luxuosas, podem ser interpretadas como materializações de sonhos cinzelados na técnica apreendida no vivido.

O vivido, o experenciado, é fundamental para o aprendizado do repertório de saberes e fazeres que o atual guardião segreda. Mesmo a fabricação de um instrumento, tarefa aparentemente muito simples, não é realizada sem um conhecimento profundo da madeira, dos cortes e polegadas, dos diâmetros das alfaias para conseguir a variedade de sons do corpo percussivo, do número de furos e cordas utilizadas para a afinação.

Há um trabalho de bricolagem, no qual a conexão dos materiais disponíveis é integrado e disponibilizado; não deve nada a nenhuma grande fábrica de instrumentos qualquer, podendo ser utilizadas em qualquer grande orquestra de música clássica. Sobre a arte de juntar peças soltas e aparentemente sem comunicação entre si, afirma Lévi–Strauss:

> O *bricoleur* está apto a executar um número de tarefas diversificadas, porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias – primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar – se com os meios-limites, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastantes heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores. O conjunto de meios de *bricoleur* não é, portanto, definível por um projeto (o que suporia, aliás, como com o engenheiro, a existência de conjuntos instrumentais quanto de tipos de projeto, pelo menos em teoria) ; ele se define apenas por sua instrumentalidade e, para empregar a própria linguagem do *bricoleur*, porque

Imagem 21 Demonstração do segredo da técnica da construção de uma alfaia.
Fonte: Rogério Silva. Olinda, 2006.

> os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que "isso sempre pode servir". Tais elementos são, portanto, semiparticularizadas: suficientemente para que o *bricoleur* não tenha necessidade do equipamento e do saber de todos os elementos do *corpus*, mas não o bastante para que cada elemento se restrinja a um emprego exato e determinado.

Imagem 22 Produção de uma alfaia.
Fonte: Rogério Silva. Olinda, 2006

> Cada elemento representa um conjunto de relações ao mesmo tempo concretas e virtuais; são operações, porém, utilizáveis em função de quaisquer operações dentro de um tipo.
>
> (Lévi–Strauss: 1989, p. 32,33).

A citação de Lévi-Strauss reflete bem a fabricação de uma alfaia do maracatu-nação. Especialmente quando o referido autor usa a palavra elemento, ou elementos, pois no caso específico de uma alfaia, uma série de elementos são utilizados para que a mesma seja concretizada e utilizada pelos músicos. Os passos para concretizar a feitura de uma alfaia não constituem um processo rápido. Primeiro é escolhida e cortada a madeira, mede-se com a maior precisão possível o diâmetro da alfaia confeccionada. Esse passo é muito importante, pois dependendo do diâmetro de saída, os sons agudos e graves são alcançados. Fitas métricas, lápis são os auxiliares dessa fase da construção

do instrumento, que é o elo entre o maracatu-nação e o candomblé, pois ambos utilizam a música para a apresentação, a música nesse contexto é indispensável: não se faz maracatu sem música nem candomblé. A alfaia é o elemento, um fruto técnico e simultaneamente artístico que instaura a festa que é dançar maracatu. Festa para os orixás! Pois o espetáculo em si, o que deslumbra, sobretudo os turistas, não passa de um pano de fundo para que o maracatu-nação realize a sua homenagem aos *eguns*, aos orixás – no caso do Leão Coroado, em especial o orixá Xangô – patrono do grupo e uma homenagem e um brinde à própria vida. Como dizia Mãe Ivanise do Maracatu Encanto da Alegria, o tambor é terra, é energia viva. O orixá também! É um encanto! No caso do Leão Coroado, Xangô é esse encanto homenageado. Orixá de cabeça de Mestre Luiz de França, Xangô é conhecido como o rei dos orixás, de perfil forte e viril, orixá do fogo, dos raios e pedreiras; vermelho e branco são as suas cores, ao menos na nação nagô. As alfaias, nesse sentido, além de proporcionar o som, que intercambia os humanos e o divino, também é a vitrine para homenagear Xangô. Por esse motivo, as alfaias dentro do Leão Coroado, são pintadas de vermelho e branco. Mais um prova da bricolagem existente no saber/fazer do guardião, pois o branco e o vermelho enquanto elementos de cor em separado representam uma coisa, juntas, usadas de forma concatenada com o próprio repertório mítico do grupo, simbolizam o orixá Xangô.

Ultrapassada a etapa das medições, das partes iniciais da alfaia, agora juntas, são montadas, coladas e afinadas por cordas que ficam ao redor de toda a alfaia. São essas cordas, que de acordo com Mestre Afonso, propiciam junto com o próprio diâmetro da mesma, a variedade sonora que enriquece o som final. Esses nós são dados com a maior precisão possível, na busca do melhor som, do melhor que o instrumento pode oferecer, cabendo ao guardião decidir quando a alfaia está pronta para compor a malha percussiva do Leão. Pintadas de vermelho e branco, com o couro novo da pele dos bodes, provenientes dos sacrifícios realizados nos terreiros em honra dos Orixás, as alfaias ganham as ruas de Pernambuco, do Brasil e do mundo. O aproveitamento do couro de animais reflete uma prática muito comum dos candomblecistas. No candomblé, nada se desperdiça, há uma lógica, uma importância muito grande aos elementos naturais, um discurso de sustentabilidade milenar que tem inspirado mesmo de forma indireta os movimentos em favor dos recursos naturais do planeta, cada dia mais escassos:

> Para os *nagôs*, a floresta é o oposto complementar da cidade, o lugar onde provêm caças e folhas, entre outros elementos fundamentais à vida. São, portanto, lugares onde se rememora o tempo antigo, quando os homens se aventuravam pela mata em

> busca dos alimentos necessários à sobrevivência. Lugares, também, onde pensar o presente – mata, folhas, caças e caçadores conectam o tempo mítico ao passado próximo, quando a vida urbana não parecia tão apartada do campo, e mesmo à atualidade, preservando sentidos nostálgicos, metafóricos e imediatos para os habitantes das metrópoles contemporâneas.
>
> Flora que tem significados fundamentais e da qual provêm boa parte da cultura material. Entre as muitas plantas que se encontram nesses terreiros, pode ser destacado o dendezeiro, com seus múltiplos sentidos e usos. Dos cocos dessa palmeira, é produzido um óleo, mais conhecido como azeite de dendê, elemento fundamental na composição dos assentamentos ritualísticos e na culinária litúrgica, em que se sobressaem o padê, alimento do orixá Exu, e o acarajé, oferenda de Oyá, ou Iansã.

(Conduru: 2009, p. 34).

A citação acima reflete bem o cenário das vivências dentro de um terreiro de candomblé. Especificamente o terreiro de Mestre Afonso, apesar de não ter um dendezeiro, como descrito por Conduru, não destoa dessa imagem ancestral e mítica que de forma geral os espaços destinados aos cultos dos orixás têm. Em sua grande maioria, mesmo o terreiro não possuindo um espaço geográfico muito grande, ao menos um quintal, ou um jardim de fachada são encontrados.

Não existe candomblé sem folhas. Como não existe vida sem água. A diferença entre o povo de candomblé e da maioria da população brasileira reside na consciência da importância vital em se manterem preservados os recursos naturais: primeiro porque para os candomblecistas o próprio recurso natural é morada dos orixás, como por exemplo, Dona Oxum, soberana das águas doces, segundo, porque é do próprio recurso que saem as oferendas para as divindades assim como os remédios para os mais variados males físicos e espirituais. Lembro ainda que dos mesmos recursos se extraem os banhos para os diversos momentos vividos dentro da trajetória de um adepto do candomblé.

Imagem 23 Alfaias arrumadas para a apresentação.
Fonte: Luciano Borges.Olinda, 2006.

A bricolagem presente no trabalho da confecção das alfaias é só um fio do novelo das outras atribuições que competem ao líder do Leão, diariamente. A maior delas talvez resida no fato de que seus respectivos líderes, Luiz de França e Afonso Aguiar, é que nenhuns dos dois quiseram ser rei, supostamente o posto máximo da nação. Na maioria das outras nações, a liderança central, ocupa simultaneamente o posto real, caso de Dona Elda do "Porto Rico do Oriente", Dona Olga do "Estrela Brilhante de Igarassu" e de Dona Ivanize do "Encanto da Alegria", esta última já falecida.

Mestre Afonso, simplesmente dessacralizou essa figura, concentrando toda a sua atenção para a guarda e zelo da cerimônia da calunga, ponto nevrálgico da nação, a ponto do mesmo dizer "o Leão Coroado é mais religião que maracatu" [50]. A cerimônia em homenagem à calunga é realizada no dia de finados, pois como Dona Isabel e Dona Clara (as duas calungas do Leão Coroado), representam os eguns (ancestrais), o dia dois de novembro, atende às duas obrigações. Homenageiam-se os mortos e toda a ancestralidade africana, incluindo todos os integrantes do Leão Coroado, e pede-se simultaneamente a proteção de Iansã, orixá que comanda o carnaval e que no candomblé é quem rege, é quem se apresenta para honrar a cerimônia das calungas. "Agradar Iansã é fundamental para assegurar a proteção de todo o grupo, especialmente quando estamos em desfile, ela é a dona do carnaval", pontua o guardião de forma segura. Exatamente por isso, atendendo as ordens dos orixás, que no ponto de vista de Mestre Afonso, andam descontentes com o atual formato do carnaval recifense que desde 2000, o Leão não concorre mais nos desfiles da capital pernambucana; para Mestre Afonso, o concurso virou espetáculo para turista ver e nada mais.

No olhar do guardião, não há o menor interesse em preservar e manter as tradições, em alimentar a própria ancestralidade do qual o maracatu-nação é embrião e ao mesmo tempo herdeiro:

> "Por isso deixei também de participar da Noite dos Tambores Silenciosos do Recife, uma das poucas apresentações que compunham o nosso calendário de carnaval. Mas o atual formato, também espetacularizado, para estrangeiro vê, não combina comigo. Não compactuo com isso. Por isso, por ordem dos orixás, o Leão não participa de quase nenhuma apresentação no período carnavalesco. Atualmente a mais importante participação ocorre na Noite dos Tambores Silenciosos de Olinda, onde eu lidero a cerimônia do começo ao fim e asseguro que a mesma ocorra dentro dos preceitos do candomblé, pois a coisa mais importante do maracatu é louvar os eguns, os ancestrais que já foram". [51]

[50] Entrevista concedida em 2011.
[51] Entrevista concedida em 2010, na sede do Leão Coroado.

Imagem 24 Mestre Afonso liderando o Leão Coroado, na Noite dos Tambores Silenciosos de Olinda. Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Evidencia-se com a fala de Mestre Afonso, uma autoridade moral, uma segurança ímpar, pois a vida do mesmo e a do grupo que lidera sofrem as ações impostas por ele que por sua vez, já é a materialização da ordem divina dos orixás. Apesar de alguns intelectuais duvidarem dessa intervenção divina na escolha da liderança do Leão, compreendo as convicções do guardião que considera tal intervenção vital, e acima de tudo, legítima. Por Afonso na atualidade encarnar a figura do guardião e não qualquer outro, isto o torna um indivíduo especial, vocacionado para o trabalho que exerce.

Ainda na busca de entender o trabalho de Mestre Afonso, recordo que, desde o primeiro encontro, o mesmo sempre explicitou a relação do maracatu-nação com a magia, que "há muito é objeto de especulações" (Mauss, 1950, p. 48). O candomblé, que tem profunda relação com os elementos naturais e com as forças por elas representadas na personificação dos orixás, é acusado historicamente e injustamente de prática mágica, no sentido pejorativo que a palavra carrega. Mauss, em seu ensaio[52], amplia a ideia de pensamento mágico, numa perspectiva que dá voz a outras maneiras de exercer o encontro com o sagrado. Outro diálogo que percebo entre o trabalho do guardião e o pensamento de Mauss fica mais evidente quando o autor afirma:

> Também as técnicas são criadoras. Os gestos que elas comportam são igualmente reputados eficazes. Sob esse ponto de vista, a maior parte da humanidade tem dificuldade de distingui-las dos ritos. Aliás, talvez não haja um só dos fins alcançados tão penosamente por nossas artes e nossas indústrias que supostamente a magia não alcance. Tendendo aos mesmos objetivos, elas se associam naturalmente e sua mistura é um fato constante; mas esta se reproduz em proporções variáveis. Em geral na pesca, na caça e na agricultura, a magia acompanha a técnica e a auxilia. Outras artes são, por assim dizer, completamente capturadas pela magia. Tais são a medicina, a alquimia; durante muito tempo, o elemento técnico foi ai o mais reduzido possível, a magia as domina; dependem dela a ponto de parecerem ter se desenvolvido no interior da magia. O ato médico não apenas permaneceu, quase até nossos dias, cercado de prescrições religiosas e mágicas, preces, encantamentos, precauções astrológicas, mas também as drogas, as dietas do médico, os passes do cirurgião, são um verdadeiro tecido de simbolismos, de simpatias, de homeopatias, de antipatias e, de fato, são concebidos como mágicos. A eficácia dos ritos e da arte não são distinguidas, mas claramente pensadas em conjuntos.
>
> (Mauss:1950, p. 56,57).

Ao colocar lado a lado, sem hierarquizar os saberes, Mauss confere um lugar de destaque à magia. Outro ponto relevante na observação de Mauss se refere ao fato de que nem todo indivíduo pode ser mágico. Existem qualidades específicas que identificam e definem o sujeito mágico; aspectos visuais, corporais, enfim, há um conjunto de qualidades para ser reconhecido como tal, é preciso ter mana para ser mágico, para ser guardião do segredo:

[52] Ver Esboço de uma Teoria Geral da Magia em Sociologia e Antropologia: 2003, p. 47.

> A esse respeito, o que mais fala à imaginação é a facilidade com que o mágico realiza todas as suas vontades, Ele tem a faculdade de evocar na realidade mais coisas do que os outros podem sequer sonhar. Suas palavras, seus gestos, seu piscar de olhos, seus pensamentos mesmo são forças. Toda a sua pessoa transmite eflúvios, influências, aos quais curvem-se a natureza, os homens, os espíritos e os deuses.
>
> (Mauss: 1950, p.70).

Essa relação fica mais explícita na entrevista realizada no dia 16 de julho de 2011, quando pude presenciar a explicação sobre o jogo de búzios, guia indispensável para o guardião realizar o seu trabalho de babalorixá e por consequência todo o trabalho de liderança do Maracatu Leão Coroado. Essa explicação foi-me dada no terreiro de Mestre Afonso, situado nos arredores de sua residência em Águas Compridas, antiga casa e terreiro de seu pai que também era babalorixá. O local onde fica instalado o salão é incrustado no meio de uma ladeira, onde se pode ter a visão de uma jaqueira frondosa, vigilante e majestosa. Testemunha silenciosa da vida dos moradores da rua onde é localizado o terreiro, observadora da sucessão dos dias ali forjados e reelaborados cotidianamente.

Imagem 25 Jaqueira situada em frente ao terreiro de Mestre Afonso.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Imagem 26 Ladeira de acesso ao terreiro de Mestre Afonso.
Fonte: Rosana Rodrigues. Olinda, 2011.

A fachada da casa, toda em amarelo, sugere algo importante: no cortejo dos orixás, Dona Oxum, rainha do ouro e da fecundidade é identificada, ao menos nas nações nagô pela cor amarela e seus infinitos tons de dourado. E isso não é aleatório, pois o ouro é compreendido como fonte de poder, fartura e prosperidade.

Outra imagem, muito emblemática dessas conexões entre cores e orixás, está presente nos *ilús*[53] que adornam o salão: um amarelo e branco, mais uma homenagem a Oxum e a mãe de mestre Afonso, que era filha da rainha dos rios, e outro em vermelho e branco, assinalando o vínculo místico entre seu pai e Xangô, o rei dos orixás e mais um vermelho e preto numa alusão a Obaluaê, orixá de cabeça do Escolhido.

[53] Instrumentos musicais utilizados nas cerimônias do candomblé.

Imagem 27 *Ilús* em homenagem aos orixás Xangô, de vermelho e branco e ao orixá Obaluaê, de vermelho e preto.

Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Imagem 28 Ilú em homenagem à Dona Oxum e uma lembrança da mãe de Mestre Afonso, Maria Helena Gomes de Aguiar.

Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Há uma enorme conexão entre os artefatos dispostos. Menciono a conexão existente, para referendar a preocupação estética e religiosa que os adeptos de candomblé, os seus babalorixás e yalorixás dispensam na decoração de seus terreiros, dos seus salões de adoração.

Os orixás gostam de serem homenageados, de serem permanentemente lembrados por seus filhos. A cor de cada orixá, nesse contexto específico, tem a utilidade de homenagear constantemente o orixá da casa e simultaneamente serve para dar a mensagem a todos que ali entram: a casa aqui tem dono ou dona, conforme seja o orixá que impere naquele espaço. Do mesmo modo, que não vemos uma Dama do Paço do Leão Coroado vestida de outra cor, que não o rosa, não existe do mesmo modo, um terreiro que não seja pintado da cor do orixá de cabeça do líder da casa, ou como no caso do terreirto de Mestre Afonso, que tem o terreiro pintado de amarelo e não é filho de Dona Oxum. Porém, a mãe do guardião era filha da rainha dourada. O amarelo da fachada da casa tem um sentido, não é solto. Pode ocorrer ainda de o terreiro ser todo pintado de branco. No caso do branco, para os candomblecistas, a cor da paz e do pai Oxalá, é amplamente utilizada, sendo inclusive recomendado o seu uso especialmente na sexta-feira, dia de Oxalá.

Imagem 29 Terreiro de Mãe Amara. Homenagem clara ao pai Oxalá.

Fonte: Luciano Borges. Recife, 2011.

Aliás, nada no candomblé é aleatório, em tudo há um profundo sentido de ser e existir, em cada artefato, ornamento, cheiro, todos os sentidos humanos são contemplados, pois o candomblé alimenta também e as coisas da alma, do espírito, do sagrado do qual infelizmente "nós fomos retirados" (Piñon, 1997).

Imagem 30 Fachada do Terreiro de Mestre Afonso.
Fonte: Rosana Rodrigues. Olinda, 2011.

Como sempre, nunca canso de frisar, sou muitíssimo bem recebido e convidado a entrar no salão, onde um dia o pai de Mestre Afonso liderou as cerimônias que compõem o calendário da nação Nagô, e que hoje é guiada pelo escolhido do Leão Coroado.[54] Sou convidado a sentar e imediatamente brindado com a gentileza nobre do meu anfitrião, que pede para eu perguntar o que desejar, e ficar à vontade. Nunca considero inoportuno lembrar, quase como um mantra, a gentileza de Mestre Afonso

[54] Refiro-me a Mestre Afonso como guardião e ou escolhido, considerando tais definições como sinônimas.

durante todo o processo da pesquisa e as minhas angústias para concluí-la. Destaco também que hoje, passados quase cinco anos, desde o primeiro encontro, ser eu também um escolhido pelos orixás e de nesse momento estar materializando, ao menos em parte, a vida de Afonso. Digo isso, que sou também um escolhido pelos orixás para realizar essa pesquisa, pois Mestre Afonso, reitera sempre a minha condição especial dentro do Leão Coroado. Para o guardião, eu fui escolhido pelos orixás, pois caso não, desde o primeiro momento, desde o primeiro trabalho, os próprios orixás se encarregariam de impedir que qualquer pesquisa prosseguisse. "Se você continua, é sinal que está no caminho certo e está agradando aos orixás e aos *eguns*", me disse um dia em tom acalentador. Por isso, hoje, os encontros, os diálogos são pautados numa intimidade que outrora não havia; uma relação afetuosa guia tais encontros, numa atmosfera de respeito mútuo e uma efetiva troca de saberes. Depois da entrada de Afonso em minha vida, sou efetivamente uma pessoa melhor, mais humana, inclusive.

Ressalto ainda, que o tema central desse trabalho e dos encontros para a pesquisa de campo, sempre giraram acerca do segredo velado, do segredo guardado. O maior tesouro do Leão Coroado! Sinto-me privilegiado de compartilhar desse segredo, de hoje saber do que trata esse segredo e não sentir a menor necessidade de explicitá-lo; bastando para a pesquisa e para a antropologia, - lugar de onde falo na atualidade-, entendê-lo. Talvez more aí, a forma como o guardião sente-se a vontade com a minha presença: nunca tive a menor intenção de escavar os dados ao ponto de constranger e forçar algo que não pode ser explicitado de forma direta e automática, no tempo da pesquisa. O tempo do candomblé e do guardião são efetivamente outros! E o respeito.

Mais uma vez explico que desejo entender um aspecto fundamental do trabalho de um babalorixá que é o saber/fazer do jogo de búzios. Nesse instante sou cortado, quando o mesmo me diz com a autoridade que lhe cabe: "você pode ter uma noção do jogo, mas entender não! Isso aqui, para entender requer uns 25 anos!" [55]. Nessa hora, me dou conta da minha arrogância e pretensão em supor que apreenderia o conhecimento de uma vida inteira dedicada a um saber pleno, em uma curta entrevista. Na mesma hora, peço desculpas e corrijo a minha fala, frisando que de fato, não poderia entender tudo em tão curto tempo, mas me esforçaria ao menos captar a lógica geral do

[55] Em trabalho de campo, realizado dia 16 de julho de 2011.

jogo. De fato, cinzelar a realidade requer tempo para decantar as vivências do campo, escavar os dados empíricos é um trabalho muito árduo, não restam dúvidas.

Passado esse desconforto inicial, nunca previsto em nossos roteiros de entrevistas, peço para Mestre Afonso mostrar-me os búzios, suporte material que conecta os humanos com os orixás. Ele mostra os 16 búzios e um prato branco,[56] onde é realizado o jogo.

Imagem 31 Os búzios e o prato branco, usados para forjar o diálogo com os orixás.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

Procuro saber de que modo os búzios são escolhidos para ilustrar o jogo:

> Retiro do mar os búzios que irei usar para o trabalho, lavo-os e depois faço uma cerimônia para que os mesmos possam ser jogados a cada consulta. Como são 16 búzios, cada um representando um orixá, é importante escolher bem cada concha, pois as mesmas na hora do jogo respondem por um orixá, por uma divindade. Os tamanhos

[56] Alguns Babás e Yás utilizam uma arupemba de palha para realizar o jogo.

> não importam, mas eu prefiro os menores para facilitar a manipulação na hora do jogo. Geralmente retiro do mar, mais de 16, pois se ocorrer de perder algum eu reponho de imediato. Mestre Luiz de França, jogava com 32, o dobro de búzios, mas ele era portador de um saber muito além do meu e da maioria do Babalorixás, ele era uma espécie de papa, só para você entender a importância dele para o candomblé e dentro do candomblé.

Entendida essa especificidade, pergunto como é realizado o jogo a pedido de um consulente, inclusive, procuro saber como é realizado a receita de banhos, sobretudo os de limpeza espiritual. De forma serena, característica dos sábios, Mestre Afonso prossegue:

> A coisa mais importante é que eu e a pessoa a ser consultada estejamos limpas, ou seja, é fundamental não ter tido relação sexual pelo menos ao dia anterior da consulta. Por isso, é que nenhuma consulta pode ser feita sem haver uma marcação prévia, é necessário um agendamento prévio, com sério risco de o trabalho ser prejudicado por desobediência a essa recomendação dos orixás. O corpo limpo facilita o canal de comunicação com o sagrado.

Imagem 32 Mestre Afonso e o seu jogo de búzios.
Fonte: Luciano Borges. Olinda, 2011.

> Assim que a pessoa para quem eu vou jogar chega, eu jogo para ver o odum do momento, ou melhor, o orixá que está imperando naquela ocasião e naquele local, depois jogo para ver o meu próprio odum e só depois para ver o odum do consulente, o seu orixá. A cada pergunta realizada, o jogo é feito e desfeito, e a forma como os búzios são dispostos, são lidos, interpretados, ponderados para serem divididos com a pessoa que busca esse serviço. Uso o jogo de búzios para tudo, mas

> procuro não abusar dos orixás, jogo para mim mesmo, uma vez por semana. Se houver alguma procura, quebro esse hiato.

Ao observar as suas práticas e entender com calma a sua fala, constatei que o jogo de búzios, no fazer de uma alfaia, na direção do corpo percussivo do Leão Coroado, numa narrativa histórica, na decisão acerca dos tecidos e modelos para vestir o Leão Coroado, na receita de um banho para aliviar as coisas da alma e do corpo, existem processos técnicos rigorosíssimos, o que reitera algumas idéias de Lévi-Strauss:

> O pensamento mágico não é uma estréia, um começo, um esboço, a parte de um todo anda não realizado; ele forma um sistema bem articulado; independente, nesse ponto, desse outro sistema que constitui a ciência, salvo a analogia formal que os aproxima e que faz do primeiro uma espécie de expressão metafórica do segundo. Portanto em lugar de opor magia e ciência, seria melhor colocá-las em paralelo, como dois modos de conhecimento desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos (pois, desse ponto de vista, é verdade que a ciência se sai melhor que a magia, no sentido de que algumas vezes ela também tem êxito), mas não devido à espécie de operações mentais que ambas supõem e que diferem menos na natureza que na função dos tipos de fenônemos aos quais são aplicadas.
>
> (Lévi-Strauss: 1989, p. 28).

Todos os procedimentos exercidos pelo guardião são apoiados na técnica minuciosa e detalhada, pois como o próprio Mestre Afonso destaca, a vida das pessoas não é brincadeira. "Não posso realizar um trabalho para uma pessoa de qualquer jeito. Isso pode arruinar a vida do outro"[57], me confidencia em tom preocupado. O referido testemunho, além de importante em si mesmo, é uma afronta aos que imaginam que os procedimentos tradicionais, sobretudo os procedimentos do candomblé, são pautados apenas na festa para os orixás; mesmo a festa, que de maneira geral é vista como plano da desordem, no candomblé obedece a um rigoroso calendário, sendo previsto a todos os orixás, uma festa, honras, sacrifícios.

Tendo ainda como fio condutor a passagem acima, ressalto que as técnicas apreendidas hoje pelo Escolhido ressoam e materializam a visão de Lévi-Strauss, especialmente quando o referido autor chama a atenção para o refinamento do pensamento mágico, para o seu caráter acabado e pronto. E de fato, o trabalho do guardião está longe de ser uma estréia, um esboço. Ao contrário. É repleta de técnicas de difícil compreensão imediata, difícil absorção pelos que não entendem a

[57] Entrevista realizada dia 04 de janeiro de 2012.

simultaneidade da natureza e da cultura na vida, enfim, as técnicas imanentes ao trabalho de Mestre Afonso além sofisticados são inacessíveis para quem os deseja compreender de imediato. Essa sofisticação fica evidente quando ouço o testemunho concedido em janeiro de 2012:

> Dizem por aí, que Mãe Marlene, que essas mães-de-santo que a gente encontra a propaganda em poste de luz, detém o poder de jogar búzios, de prever o futuro. Duvido! Duvido mesmo! O jogo de búzios, por exemplo, é dificílimo. Envolve muita matemática, interpretação, sensibilidade para entender o recado dos orixás, que na maioria das vezes são curtos e diretos. Eu jogo búzios há uns 25 anos e ainda hoje me surpreendo com alguns impasses na hora de jogar. Aprendo todo dia, é muito difícil cuidar da cabeça dos outros. O jogo de búzios é tão difícil que não sei como alguém tem coragem de dizer que domina essa técnica com pouco tempo. Tem gente por ai jogando com quatro búzios, um absurdo! Limita demais o jogo. Luiz de França jogava com 32 búzios, eu nem me atrevo a fazê-lo, por isso ele era um oluô, uma espécie de bispo, está muito acima de mim. Contudo, jogar com 16 búzios, como eu faço, contempla a maioria dos recados que um orixá pode enviar. Voltando a questão da limitação da pessoa que realiza o jogo de búzios com apenas quatro peças, por exemplo, essa pessoa não irá visualizar um recado de Iemanjá que só aparece com 09 búzios, nem Nanã que aparece com 13 conchas, nem Obaluaê dono do odu 14.

Forjado e permanentemente refinado no vivido, o domínio das técnicas do trabalho do guardião se configuram claramente numa amálgama de conhecimentos, procedimentos cingidos num saber/fazer acumulados desde a infância e potencializados a partir do encontro com Luiz de França e do recebimento da deixa do Leão Coroado, da deixa do segredo hoje velado. A vida de Afonso, hoje representa um tesouro vivo, pois encarna em si, uma contemporaneidade e uma ancestralidade raramente encontrada. O guardião, com o seu trabalho diário, com a sua luta para falar em tom de igualdade com as lideranças políticas pernambucanas, por exemplo, exerce o que há de mais contemporâneo: lutar pelos direitos, buscar espaço, buscar cidadania; isso todos nós, de alguma forma o fazemos. Mas o que torna Afonso Aguiar, especial, no meu entender, é que ele consegue atrelar tudo isso à causas e procedimentos milenares, coisas da alma. Afonso Aguiar faz bem! É excelente tê-lo vivo, atuante, saudável, mágico, narrador, fabricante de alfaias, exímio percussionista, cantor, líder comunitário, seríssimo, respeitado e poderoso babalorixá, excelente pai e esposo e para mim um grande amigo, parceiro, um pai.

DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o guardião da tradição me proporcionou vivenciar práticas secretas, veladas e acima de tudo amadas com a própria vida. No entanto, deixo claro que ao contrário de Griaule (2006), que defendia a ideia de que o segredo precisava ser desvelado e explicitado pelo pesquisador, que cabia ao pesquisador trazer ao público todo o momento vivido, não pretendo trazer à tona toda a intimidade da relação entre cientista e interlocutor. No meu caso específico, no caso do meu trabalho de campo, fiz justamente o inverso. Tive acesso e hoje tenho acesso a uma gama de informações enormes, contudo, não desejo e não preciso trazer à lume tais detalhes. Prefirí me deter em compreender as especialidades e os conhecimentos imanentes que sustentam tais técnicas.

Outro ponto importante que almejo apontar aqui, nessas linhas finais, é que o guardião de hoje, ou seja, Mestre Afonso, exerce uma liderança que efetivamente é outra da de Seu Luiz de França. Parece redundante ressaltar isso, pois é tão óbvio pensar que um homem que viveu nos anos de Luiz são diferentes dos de hoje, tempo de Mestre Afonso. No entanto, pontuo, que alguns pensadores da cultura e algumas pessoas da sociedade como um todo, pensam os homens da cultura da tradição imersos num mundo idílico, como se só vivessem de espetáculo, do trabalho que viabiliza um maracatu-nação ir para rua, por exemplo. No caso específico de Mestre Afonso Aguiar, atual guardião do Leão Coroado, essa imagem se dissipa como neve ao sol. A vida do Escolhido é como a de qualquer cidadão em muitos aspectos, especialmente no que tange aos desejos de ter uma vida melhor, de gostar de viajar, de lutar por conta dos desmandos dos políticos, de não medir esforços para assegurar que o seu maracatu seja beneficiado em meio ao cenário cultural atual, enfim, tudo isso, essa cartografia de vida, em grande parte todos nós comungamos. O que diferencia Afonso, é que mesmo tendo uma vida como a maioria de todos nós, o guardião da tradição em maracatu-nação alia a tudo isso um tônico a mais, mesmo não vivendo num mundo apartado das instâncias sociais mais amplas, pois o guardião, assim como todos os grupos humanos estão inscritos na história e na sua esteira, o mesmo possui a sabedoria de discernir o limite

tênue entre ser um cidadão atuante, uma liderança do maracatu-nação com um todo, e simultaneamente encerrar em sua memória o segredo centenário do Leão Coroado.

Afonso Aguiar consegue ter o equilíbrio entre o tradicional e o contemporâneo, sem com isso, no meu entender, se perder, se contradizer desnecessariamente. Quando o encontrei, senti isso. Tive a sensação de estar diante de um homem que eu poderia conhecer em qualquer lugar, mas ao mesmo tempo, esse mesmo homem me proporcionou um dos encontros mais memoráveis, por atrelar de forma tão espontânea, uma vida sustentada em uma ancestralidade, que até bem pouco tempo, eu pensava perdida.

Mesmo nas coisas mais simples, nas atitudes mais triviais da liderança dentro do Leão, a atitude de Mestre Afonso é diferenciada. Diferenciada nos mais amplos sentidos. Mesmo os pequenos impasses acerca dos assuntos do maracatu, o guardião sempre alia a atitude cotidiana com a vida religiosa, o trajeto logus-mito é percorrido diariamente, incessantemente. Não existe a ruptura desses trajetos, em momento algum. Como exemplo, cito o jogo de búzios, que para o guardião, é o maior guia da sua vida, servindo constantemente de ajuda no que tange aos infortúnios da vida vivida. Infortúnios dos outros, especialmente, pois Mestre Afonso, é procurado pelas pessoas, as mais diversas possíveis, por conta da sua competência no manejo dos búzios. Dessa forma, reitero que o guardião hoje do Leão Coroado é diferente do de ontem, que não será o mesmo de amanhã. Porém, há essa marca, essa ligação entre a missão de liderar um maracatu-nação centenário e a parcela religiosa, que torna o Leão Coroado tradicional. O tradicional, nesse caso, não é refratário às mudanças, no entanto, mantém práticas que são veladas o mais próximo possível do ideal, que para o Maracatu Leão Coroado, é manter cuidado o segredo da cerimônia em homenagem às calungas Isabel e Clara. Tirando essa cerimônia, o Leão Coroado e o seu guardião, permitem uma gama enorme de negociações, de possibilidades e de mudanças.

Hoje, Mestre Afonso mantém com pulso firme o maracatu, com disciplina severa, mas ao mesmo tempo consegue exalar uma meiguice e um coração pronto para o diálogo e para a negociação; não ferindo a tradição e não desagradando aos orixás, o guardião está sempre disposto a colaborar. O problema é que, na contemporaneidade, em que o lucro, o imediatismo exacerbado, a falta de preocupação com o sagrado e o natural são a ordem, o discurso de Mestre Afonso pode soar para algumas pessoas como

antiquado, anacrônico, mas quem o conhece de mais perto, quem se habilita a entendê-lo com mais calma, procurando contextualizar o seu discurso, percebe justamente o oposto de um homem refratário. Digo isso com tranquilidade, pois como já o conheço de um certo tempo, afirmo que Afonso é de vanguarda, está a passos de distância dos que ainda insistem em separar natureza e cultura, o divino e o material, e no meu entender e equivocadamente, apostam numa vida baseadas no desperdício, no gasto extremo, incluindo ai os recursos do planeta.

Mestre Afonso, com as suas práticas, prova que é possível, sim, ser um cidadão do mundo, que gosta das coisas boas que a vida pode oferecer, que está ligado aos mais diversos recursos tecnológicos e demais que a contemporaneidade pode oferecer e possui, no meu juízo, a verdadeira sabedoria de tirar proveito de tudo isso sem se perder e nem se tornar refém das armadilhas e do charme da contemporaneidade. Afonso, hoje é uma ilha para alguns, pois como já mencionei, o mesmo pode soar tradicional no sentido pejorativo que a palavra possa carregar, no entanto reitero o contrário: ouvir, entender a vida do atual guardião do Maracatu Leão Coroado, é entender muito de nós e me arrisco a dizer, que ouvi-lo talvez se configure numa possível saída para os diversos dilemas que vivemos na atualidade, entre eles a falta de amor e de fraternidade que hora se instalam, mas que ainda podem ser revertidas, pois como salienta Morin, a guerra é feita por homens e, portanto cabe aos mesmos homens solucioná-la e instaurar a paz. O mundo precisa de mais pessoas como Afonso, necessita de inúmeros homens de paz.

DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AMORIM, Maria Alice e BENJAMIN, Roberto. **Carnaval. Cortejos e Improvisos**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2002.

_____ **Patrimônios Vivos de Pernambuco**. Recife: FUNDARPE, 2010.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo. Entrudo, mascarada, e frevo no carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1996.

ASSUNÇÃO, LUÍZ. **O reino dos mestres. A tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

BALANDIER, Georges. **A desordem; elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1987.

BASTIDE, Roger. **Candomblé da Bahia- Rito Nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, Walter. "o narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, HENRI. **Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade; Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

_____ **O tempo Vivo da Memória.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia: A idade da fábula. História de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CABRAL, Muniz Sodré de Araújo. **O terreiro e a cidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, Ernesto I. **Diálogo de negros, monólogos de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado** – Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Antropologia da UFPE em 19 de março de 2003.

CHAUI, Marilena. **Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas**. São Paulo: Editora Cortêz, 2007.

CAVIGNAC, Julie, CARVALHO, Maria Rosário de, REESINK, Edwin. **Negros no mundo dos índios. Imagens, reflexos, alteridade**s. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2011.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-Brasileira.** Belo Horizonte: Ed. Arte, 2009.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DOMINGUES, José Maurício**. Sociologia e Modernidade. Para entender a sociologia contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. . São Paulo : Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____ A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC editora, 1989.

GUIDDENS, A**. Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.e. São Paulo: Atlas, 2002.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

HALWBAKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, E. & RANGER, T. (Org.), **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IANI Octavio. Sociologia da Sociologia. São Paulo: Atlas, 1989.

KUPER, Adam. **Cultura, a visão dos antropólogos**. São Paulo: EDUSC, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

_____ **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2010.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular –** Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense em maio de 2010.

LOPES, Amélia. **Identidades profissionais: As fontes do nosso descontentamento**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

MAUSS, Marcel**. Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MONTENEGRO, Antônio T. **História Oral e Memória – a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Europa-América, s/d.

_____ **O método 5. Humanidade da humanidade, a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____ **Cultura de massas no século XX – Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MOTTA, Roberto. (Org.), **Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura**. Recife: Bagaço, 2005.

MOTTA, Roberto. Sacrifício, mesa, festa e transe na religião afro-brasileira. **Horizontes Antropológicos**, nº 3, pp. 31-38.

MOTTA, Antônio. **À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: FUNDAJ, 2008.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **Almanaque: Toda a oficina da vida.** Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2008.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIXE, César Guerra. **Maracatus do Recife**. Recife: Fundação de cultura do Recife, 1980.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REAL, Katarina. Eudes, **O rei do maracatu**. Recife: Massangana, 2001.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: Massangana, 1990.

RIBEIRO, René. **Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1952.

SANTANA, Marco Aurélio, RAMALHO, José Ricardo. **Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social.** São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2003.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira**. São Paulo:Vozes, 1994.

SILVA, Vagner Gonçalves da. (org.) **Memória afro - brasileira: artes do corpo**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

SIMMEL, Georg. O Segredo. In: **Política e Trabalho: Revista de Ciências Sociais**. Tradução Simone Maldonado. Paraíba: PPGA/UFPB, n. 15, setembro 1999. Disponível em:<http//www.google.com.br/cassandra_veras.tripod.com/sociologia/simmel/georg.htm> Acesso em 17 out. 2007.

SOUZA, Luciano Borges de. **Maracatu Leão Coroado: Origem e História** – Projeto de Iniciação Científica defendido na FUNESO em 2006.

THOMPSON, Paul**. A voz do Passado. História Oral.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador: Corrupio,2005.

ZUNTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.